

ARISTÓFANES

AS RÃS

Tradução do Grego

por

Junito de Souza Brandão



AS RÃS

TRADUÇÃO DO GREGO

por

Junito de Souza Brandão

(Prof. de Grego da Faculdade de Filosofia
da U. C. do Rio de Janeiro).

2ª edição

RIO DE JANEIRO

DO MESMO AUTOR:

Hipólito Porta - Coroa (Eurípides) — Tradução do Grego — Rio, 1948. (Esgotado).

Os Idílios de Teócrito e As Bucólicas de Vergílio — Rio, 1950.

A Tragédia de Sófocles — Édipo-Rei (Ensaio). — Rio, 1951 (Esgotado).

Duas Tragédias Gregas — Édipo-Rei (Sófocles) — Hécuba (Eurípides). — Pongetti, — Rio, 1951. (Esgotado).

O Latim do Curso Vestibular — Editora Nacional — S. Paulo, 1951.

O Latim do Ginásio (Terceira Série) — Organização Simões — Rio, 1955.

O Latim do Ginásio (Quarta Série) — Organização Simões - Rio, 1955.

Empréstimos Gregos — Agir — Rio, 1957.

UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Confesso que tive certo escrúpulo em traduzir esta comédia de Aristófanes. As pedrinhas de minha consciência, porém, desapareceram, quando, após consultar **a quem de direito**, vi que afinal a dita tradução estava sendo feita para **um grupo**, que certamente a leria com a mente e os olhos voltados para o século quinto, **antes de Cristo**. Com efeito, se atentarmos bem “para essa época”, veremos que o poeta de **As Rãs** não é tão licencioso quanto hodiernamente nos pareceria. Quem estudou seriamente a religião da Grécia Antiga, principalmente as facetas correspondentes ao **culto dionisiaco** e aos **Mistérios de Elêusis**, chegará fatalmente com **Paul Mazon**¹ à conclusão de que, para se compreender bem a comédia antiga, é preciso aproximar o elemento religioso do elemento satírico: “Les fêtes sont nombreuses à Athènes, où l'échange de propos obscènes (**aiskhrología**) est un rite traditionnel. C'est le cas des Thesmophories, c'est celui des Helôa, c'est même celui des Mystères d'Eleusis: au moment où la procession accompagnant les objets sacrés (**hierá**) traversait le Céphise, son passage sur le pont était salué des brocards injurieux et obscènes (**gephyrismoí**). Comment le fait s'explique-t-il? Par la nature même des fêtes agraires, où l'on cherche à provoquer la fécondité du sol par des cérémonies magiques, symbolisant l'union des femmes avec le démon chthonien d'où dépend la fertilité des terres. On comprend aisément dès lors que toutes les formules se rapportent à la reproduction.”

1. Paul Mazon, **La Farce dans Aristophane et les Origines de la Comédie en Grèce**, Revue d'Histoire du Théâtre, I, Paris, 1951.

E como conclui o sábio francês? "Il est en tout cas piquant de constater que ce qu'il y a de plus grossier dans la comédie est justement ce qu'elle doit à son origine religieuse."

Certo. Mas uma coisa é poder justificar Aristófanes, pelo menos **em certos ângulos**, outra é **traduzi-lo**. Por que não deixá-lo onde está? O motivo por que traduzi **As Rãs**, explico-o com êste enigma (como diz Aristófanes pela boca de Eurípidés), que não precisa de **Édipos** para decifrá-lo: às vèzes é preferível colocar sôbre nossas cabeças uma coroa que nos traz certa repugnância, mas visando única e exclusivamente **ao estudo sério**, a deixar que outros a coloquem sôbre a fronte, com enfeites piores do que aquêles que ela já tem.

Eis, entre outros, o motivo por que fiz **tradução de fato** e não **adaptação** ou outra coisa parecida. Em certas circunstâncias acho melhor dizer do que dar a entender. Como, porém, a tradução é feita para "um grupo" e **intelligenti pauca, finem iam faciam**.

Serviram de base à presente tradução, que é **quanto possível literal**, as edições críticas de Th. Bergk, **Aristophanes, Comoediae**, T. II, Texto. Lipsiae, 1900 e Victor Coulon - Van Daele, **Aristophane**, 5 vol. Texto e Tradução. Les Belles Lettres, Paris, 1954.

Para a introdução à **peça** e às **notas do rodapé** servi-me particularmente da obra monumental de Sir Arthur Pickard-Cambridge, **The Dramatic Festivals of Athens**, Oxford, At the Clarendon Press, 1953, bem como das **notas** da obra de Victor Coulon - Van Daele, já citada.

ARISTÓFANES

I — Vida e Obras.

São poucos os documentos¹ que possuímos a respeito de Aristófanes e dentre êles apenas um ou outro merece inteira confiança. Extirpando dêsses documentos a **fantasia** e a **lenda** e sobretudo hipóteses de alguns doutos, (como aquela do sábio americano M. Roland Kent que, desejando justificar a data do nascimento do poeta entre 455/454, traduziu erradamente a palavra **parthénos** por **virgem, virginal** em **As Nuvens**, v. 530, quando, na passagem citada o sentido de **parthénos** é **puella, menina, môça**), poder-se-á, com boa margem de acêrto, resumir assim a biografia de Aristófanes. Tomando-se por base o texto de **As Nuvens**, o poeta deve ter nascido em 445 a. C. Morreu, não o podemos precisar, entre 375/372, com setenta e dois anos, mais ou menos. Era filho de Filipe, da tribo Pandião, portanto um **cidadão ateniense**. Pretender com um dos seus melhores editôres, Van Leeuwen, **Prolegomena ad Aristophanem**, Deutsche Literaturzeitung, 1909, que o poeta de **As Rãs** não era cidadão ateniense, é, ao que parece, levantar castelos na areia 2.

1. Duas **Vidas** anônimas; um artigo de **Suidas**; uma escôlia de Platão; uma introdução breve num tratado anônimo **Acêrca da Comédia** e uma compilação de **Thomas Magister**: todos êstes documentos foram reunidos por Westermann (**Biog.**) e por Dübner (**Prolegomena de Comoedia**). Poderíamos ajuntar-lhes ainda as **escôlias** e **didascálias** que acompanham o texto chegado até nós, bem como as **Parábases de Os Acarneos, Os Cavaleiros, As Nuvens, As Vespas, A Paz**.

2. A célebre **graphé xenias** (acusação de estrangeiro) movida, em 424, pelo demagogo Cleão, contra o poeta "por usurpação dos direitos civis", não tem, em absoluto, o valor que se lhe atribui. Com efeito, nada era mais comum em Atenas do que essa imputação. Os oradores (Demóstenes e Êsquines, por exemplo) viviam se acusando mutuamente de tal crime. O próprio Aristófanes, aliás, em mais de uma passagem acusa Cleão, Hipérbolo e Cleofonte de origem estrangeira. Para se compreender a facilidade e freqüência de tais insinuações é necessário lembrarmo-nos da complexidade da legitimação do estado civil na cidade de Palas. Cf., a êsse respeito, a obra de Octave Navarre, **Les Cavaliers d'Aristophane**, Édit. Mellottée, Limoges, 1956, pág. 7 sg.

Com segurança pode-se dizer que Aristófanes teve dois filhos: Araro, também poeta de Talia e que em 387 foi o vencedor num concurso cômico com uma peça do pai, intitulada **Cócalos**, e Filipe. Um terceiro, se existiu, chamava-se **Nicóstrato**, segundo Apolodoro, ou **Filetero**, segundo Dicearco.

Quanto às obras do poeta, a antiguidade nos fala em **44 comédias**, considerando-se, desde então, quatro delas como apócrifas: **A poesia**, **O Naufrago**, **As Ilhas** e **Níobo**. Chegaram-nos somente 11: as restantes são-nos conhecidas pelos títulos e fragmentos.

Eis em ordem cronológica as que possuímos:

425	Ἀχαρνῆς (Akharnês)	Os Acarneus
424	Ἴππῆς (Hippês)	Os Cavaleiros
423	Νεφέλαι (Nephélai)	As Nuvens
422	Σφήκες (Sphêkes)	As Vespas
421	Εἰρήνη (Eiréne)	A Paz
414	Ὀρνιθες (Órnithes)	As Aves
411	Λυσιστράτη (Lüsistráte)	Lisistrata (Thesmophoriádzusai)
411	Θεσμοφοριάζουσαι	Tesmofórias
405	Βάτραχοι (Bátrakhoi)	As Rãs
392	Ἐκκλησιάζουσαι (Ekklesiádzusai)	Assembléia das Mulheres
388	Πλούτος (Plútos)	Pluto

Comédias mais importantes, cujos títulos ou fragmentos conhecemos:

427	Δαιταλῆς (Daitalês)	Os Convivas
426	Βαβυλώνιοι (Babülónioi)	Os Babilônios
422	Προάγων (Proágon)	Prelúdio
414	Ἀμφιάρως (Amphiáraos)	Anfiarau
387	Κόκαλος (Kókalos)	Cócalo

II — idéias de Aristófanes.

Procurar descobrir nas comédias de Aristófanes um sistema filosófico, moral, político, religioso ou mesmo literário é simplesmente impossível. Em suas comédias salta aos olhos o que êle **ataca**, não, porém, **precisamente** o que êle **defende**. O que Aristófanes critica (e com que audácia e linguagem!) não são propriamente os **sistemas**, mas os **abusos** que certos homens introduziram nesses sistemas.

O poeta, quando censura a democracia, não é bem a democracia a que êle visa, senão ao regime ultrademocrático de Atenas, com todos os vícios que lhe eram inerentes. Em política, diga-se de caminho, Aristófanes parece ter sido um intérprete da **classe rural**.

Partidário intransigente da paz, tema por êle desenvolvido em várias de suas peças (**Os Acarneus**, **A Paz**, **Lisistrata**), será que o poeta desejava **uma paz**, que, unificando todos os gregos, pudesse fazer da Hélade, ou pelo menos de Atenas, um país progressista e um baluarte contra seus inimigos externos? Creio que no fundo é **também** isto, porque aparentemente a paz que prega Aristófanes é uma paz sem elevação: a paz aristofânica é uma vida farta, é a alegria que se estampa no rosto do camponês bem nutrido. Em arte e filosofia, em religião e política, o poeta de Lisistrata achava sua época inteiramente errada. Mostra-se, então, um passadista, um saudosista, tornando-se intérprete, no teatro, daquilo que se pensava e não se dizia, ou se dizia em voz baixa nas esquinas, porque não se tinha coragem de dizê-lo em voz alta nas tribunas.

Os políticos de Atenas são vergastados com uma audácia e uma linguagem que não se admitiriam hoje nos países mais democráticos do mundo (**As Vespas, As Rãs, Os Cavaleiros**...). Cleofonte, Cleão, Hipérboles e, em parte, Péricles, não passavam de charlatães vulgares que apodreciam o povo com o vírus da demagogia. A Assembléia, os Tribunais e os Magistrados são os venais que substituíram a toga da justiça e da cultura pelos farrapos da conveniência política e da ignorância. Os Sofistas com sua filosofia ancípite e sua educação nova encontraram no poeta de **As Rãs** um Catão mordaz e inexorável (**As Nuvens**). Os Sofistas, entre os quais o poeta colocou Sócrates e Eurípidés, são os responsáveis pela decadência intelectual, moral, religiosa e até mesmo “física” da juventude ateniense. A **palestra** foi abandonada porque os jovens, de atletas, se tornaram dissecadores de idéias. Até os “marinheiros” aprenderam a discutir com os comandantes! (**As Rãs**).

Em religião e arte os responsáveis pelas inovações, que lançaram por terra toda uma civilização de quatro séculos, são os mesmos: os Sofistas com Sócrates e Eurípidés (**As Nuvens, As Rãs**). Sócrates é o venal, o sofista que ensinou que o “justo e o injusto têm o mesmo peso e medida” (**As Nuvens**). O grande poeta de Hécuba é o representante, no teatro, do espírito dialético e chicaneiro que abalou os nervos da cidade. Novos deuses introduziram-se por meio do filósofo e do poeta que substituíram a grandiosa mitologia helênica com todos os seus mistérios seculares e lendas sagradas, por deuses abstratos: **Éter, Ar, Nuvens, Persuasão...** (**As Nuvens, As Rãs**).

Eis, em síntese, o que Aristófanes ataca. Vamos, agora, por parte.

Em política, por exemplo, não podemos dar crédito total ao poeta, quando ele achincalha **Cleão, Cleofonte, Hipérboles e Péricles**. . . Ora, se Aristófanes foi tão injusto com Sócrates e Eurípidés, poderemos acreditar cegamente na “justiça” de sua sátira desenfreada a respeito dos políticos

citados? Teriam sido eles tão venais e corruptos quanto nos diz o poeta de **Os Cavaleiros**? Não é o que a história nos conta, pelo menos com referência a alguns deles.

Em filosofia, não há negar, os Sofistas introduziram mesmo o **ceticismo** com todas as suas funestíssimas consequências. Mestres populares de filosofia, venais e sem convicções, opondo a razão à própria razão, defendendo com argúcia e artificiosa erudição o pró e o contra, abalaram profundamente o caráter da juventude ateniense e fizeram da retórica uma arma de dois gumes. Mas, entre o ridicularizar, **com justiça**, os sofistas e transformar em sofista um anti-sofista por excelência, como Sócrates, vai muita distância. Dizer que Aristófanes tomou como vítima a Sócrates, unicamente por ser ele **a personagem da época**, é argumentar com os sofismas da injustiça, pois não é justo que o inocente pague pelo pecador!

Além do mais, não nos parece que o poeta condenasse **in totum** a arte da palavra, mas os perniciosos excessos nela introduzidos pelos Sofistas.

Em religião, o grande cômico critica acerbamente, entre outros, a Sócrates e Eurípidés, o **scenicus philosophus**, por introduzirem deuses novos. É o caso de perguntar-se: Aristófanes foi um grande religioso, um devoto, que acreditava piamente naquele emaranhado irracional de divindades mitológicas? O respeito do poeta pelos deuses tradicionais da Grécia é muito relativo e, não raro, muito pouco piedoso — um respeito assim **meio poético, meio horaciano**. . . Não foi um ateu, é claro. “Fazer de Aristófanes um ateu seria tão errado quanto fazer dele um crente.”

Em arte, sua sátira mordaz atinge as raias do escândalo, quando fustiga a **arte nova**, “o modernismo” de Eurípidés. Todos os males sociais que enfermam a família ateniense devem-se ao poeta de **Télefo**, que é, por sinal, o pomo da discórdia dentro da obra eurípidiana (**As Rãs**). Eurípidés é o responsável direto pela introdução no teatro, de **coxos, de farrapos humanos, de alcoviteiras, do amor licencioso e de**

incestos! O “sofista” Eurípides introduziu na tragédia a reflexão, a dissecação das idéias, a dialética, as contradições, as metáforas aéreas e sobretudo a **imoralidade**. (**As Rãs**). Em parte, tudo isto é verdade. Aristófanés, porém, não viu, ou melhor, não quis ver que Eurípides é de uma outra “época”, de uma outra “mentalidade”. Discípulo de filósofos, espírito cético e realista, Eurípides fez que a tragédia gesscesse do **Olimpo Esquiliano** e do **idealismo** de Sófocles para as ruas de Atenas. Não é em vão que o poeta de **Antígona** dizia que pintava os homens como **devçriam ser** e Eurípides os pintava como **êles são**. E, embora passadista, vendo no majestoso (e não raro obscuro) Ésquilo o poeta ideal e em Sófocles o “acomodado”, Aristófanés não deixou (e aqui está a contradição!) de imitar o estilo aéreo e doméstico de Eurípides. De tudo isto pode-se chegar, salvo engano, a uma conclusão bem simples. Não parece que Aristófanés é um binômio? De um lado um homem “de partido”, inconformado com a situação política, religiosa, filosófica e artística da Atenas de seus dias, sem dúvida decadente, em confronto com a gloriosa Atenas de antanho, a Atenas de Salamina, a Atenas de Ésquilo; de outro, um grande poeta, de uma **vis comica**, jamais igualada. Grande patriota, mas sobretudo, **grande poeta cômico**, Aristófanés não hesitou em sacrificar, muitas vezes, a justiça e até mesmo a verdade, **à sua arte**. Para ser agradável, para ser poeta cômico, soube ser útil. Soube agradar **à massa**, levando à cena e criticando desenfreadamente (embora nem sempre com justiça), **para provocar o riso, para ser bom poeta cômico**, os seus contemporâneos, que, de fato, muitas vezes, **mereceram as escaldantes chicotadas** de sua sátira ferina.

Se a comédia vive e nasce no reino da ironia, que, as mais das vezes, “vai dar na sátira, isto é, nas coisas imaginadas piores do que realmente o são”, Aristófanés soube genialmente exagerá-las e, provocando gargalhadas, firmou-se perante o público qual um grande na sua arte. Com êsse tipo de sátira genial e exagerada, pondo em foco os defeitos

dos mais importantes dos seus contemporâneos, abriu os olhos dos atenienses para os homens que os governavam e para as inovações perniciosas que poderiam (a seu ver!) arrastar a gloriosa Atenas para uma catástrofe irremediável, firmando-se dêsse modo como um grande patriota. A êsse cômico genial e sarcástico poder-se-ia, talvez, aplicar o **Ridendo, castigat mores**.

III — A arte de Aristófanés: a língua, o estilo e a métrica.

A arte de Aristófanés corre paralelo com seu gênio inventivo. O que distingue Aristófanés de seus predecessores e de seus êmulos não são propriamente inovações artísticas, porque neste sentido o poeta quase nada fez de novo. Distingue-o seu valor pessoal.

Dotado de um poder inventivo extraordinário, Aristófanés soube desenvolver com uma perícia de mestre o farto material acumulado por tão poderosa imaginação. Opondo certas personagens a outras; opondo o concreto ao abstrato, não raro, o abstrato ao concreto; a arte e a filosofia ao charlatanismo; a religião ao ateísmo; a Atenas de Salamina à de Cleão; a verdade à demagogia — segundo suas concepções e exageros, naturalmente! — o poeta desenvolve a ação cômica, às vezes, tão raquítica e abstrata no seu ponto de partida, com uma facilidade, riqueza, simplicidade e poder de convicção, que somos prazerosamente obrigados a dar-lhe, à falta de palavra melhor, o título de gênio! Sendo a **Comédia Antiga** uma sátira pessoal, Aristófanés não pinta geralmente as suas personagens com côres realistas, mas fazendo delas verdadeiras caricaturas, arranca dessas faces deformadas o traço dominante, que mais lhe convém. Tôda a arte dêsse burlesco irreverente, mas “forrado de poeta lírico”, consiste essencialmente “em colocar certa lógica na incoerência e certa verossimilhança na fantasia”. Um dos melhores exemplos para êste paradoxo aparente é a segunda parte da comédia **As Rãs**.

AS RÃS

A comédia — **As Rãs** — foi levada à cena por Aristófanes nas Leneanas (3) de 405 a. C. sob o pseudônimo de Filónides, durante o arcontado de Cálías. Classificando-a em primeiro lugar, o público ateniense exigiu-lhe uma segunda representação. O segundo lugar nesse concurso cômico foi conquistado pela comédia "**Musas**" de Frínico (não confundi-lo com Frínico, poeta trágico) e o terceiro coube à peça "**Cleofonte**" de Platão, o cômico.

A Parábase (4) de **As Rãs** serve de marco para separar as duas partes inteiramente distintas da comédia. A primeira parte, burlesca e fantástica, é a viagem de **Dioniso** (após as necessárias informações dadas por **Héracles** ao **Hades**, em companhia de seu escravo **Xântias**; a segunda, de feição moral e literária, é um confronto entre os dois gran-

2. É sabido que as representações dramáticas na Hélade se faziam em três épocas por ocasião das festas dionisiacas: **As Dionísias Urbanas**, celebravam-se na primavera e duravam seis dias; as **Leneanas** tinham um caráter mais local e realizavam-se no inverno, fins de janeiro; as **Dionísias Rurais** ocorriam nos últimos dias do mês de dezembro, nas aldeias da Ática.
4. Na **parábase**, o côro, despindo as vestimentas cênicas e arrancando as máscaras, recobra sua verdadeira personalidade e, virado para os espectadores, interpela-os em seu próprio nome ou em nome do poeta. Em si, a parábase divide-se em duas partes: na primeira, que é a **parábase** propriamente dita, o poeta fala **diretamente com o público: lamenta-se e pede que não o considere superior a seus rivais**, dizendo-se, porém, o mais afável e esclarecido dos conselheiros; na segunda, composta de uma estrofe e de uma antistrofe, que se alternam com duas partes faladas, o côro dirige-se aos espectadores em nome do poeta, não mais como **autor**, mas na qualidade de **cidadão**: à crítica literária vai substituir-se agora a sátira política. Em **As Rãs**, falta, infelizmente, a primeira parte da parábase.

des poetas trágicos, Ésquilo e Eurípides. A segunda parte da **parábase** tem cunho radicalmente político. O laço que une estes três elementos e explica a finalidade da comédia em aprêço encontra-se nos acontecimentos políticos, sociais, religiosos e literários da época.

Se externamente Atenas estava empenhada na **Guerra do Peloponeso** (432-404), internamente a sua situação política não era das melhores. De 411, data em que Aristófanes compôs as **Tesmofórias**, a 405, quando foram representadas **As Rãs**, Atenas foi agitada e apodrecida pela Oligarquia. Quatro governos sucederam-se no poder, nesses seis anos. A sábia democracia solonina fôra substituída pela facção oligárquica dos Quatrocentos. Esse govêrno de terror concluiu um tratado vexatório com Esparta e provocou o afastamento da Eubéia (5) da Liga Ateniense. O terror, porém, foi efêmero. Quatro meses e meio depois, de maio a setembro de 411, os Quatrocentos foram substituídos pelos **Cinco Mil**, cuja constituição era "uma sábia combinação da Oligarquia e da Democracia", no dizer de Tucídides. Os direitos cívicos foram assegurados e o salário da magistratura abolido. Também esse estado de coisas não durou muito. Em 410 a Oligarquia implantou-se novamente no poder. O demagogo Cleofonte, sucessor dos tiranos Cleão e Hipérbole, não só restabeleceu todos os salários supressos pelos Quinhentos, mas também instituiu mais um: a **diobelia** (dois óbolos) (6). Com Cleofonte voltaram as perseguições, a violência e sobretudo a inflação. Com as desordens, lutas externas e internas corria paralelo o enfraquecimento do império ateniense, tão penosamente garantido e mantido pela dedicação

5. Após as batalhas de **Salamina** (480) e **Platéias** (479), em que os gregos venceram aos **persas**, Atenas tratou de fortificar-se externamente, formando a célebre **Confederação de Delos** (477) assim chamada porque a ilha de Delos foi o centro da Liga. As cidades confederadas estavam obrigadas a fornecer **homens, dinheiro e navios**... O afastamento da **Eubéia** da **Liga** era o princípio do fim.

6. Gratificação de guerra, Cf. **As Rãs**, v. 140.

de Címon (7). A cidade de Palas sacrificava as suas melhores reservas para obrigar as cidades aliadas, que haviam desertado, a manterem o pacto estabelecido na Confederação de Delos.

Atenas, política e militarmente acéfala, precisava de um chefe. Alcibiades **temporariamente** brigado com Esparta, procurava retornar a Atenas. Após sua retumbante vitória em Cízico (410), sobre o almirante espartano Míndaro, Alcibiades foi chamado de volta a Atenas e nomeado generalíssimo. Um ano apenas permaneceu em solo ateniense o vencedor de Míndaro. Com a derrota de um seu lugartenente em Nócion, Alcibiades foi novamente exilado. Enquanto isso o solerte e astuto Lisandro preparava Esparta para uma desforra. Cónon, general ateniense, foi sitiado em Metimna. À custa de promessas de direito de estado a escravos (8) e a metecos (estrangeiros), foi que Atenas conseguiu, num derradeiro esforço, equipar uma nova armada. Dez generais, à frente dessas tropas improvisadas, conseguiram derrotar os espartanos nas ilhas **Arginusas** (406) e suspenderam o bloqueio de Metimna.

O prêmio da vitória, porém, foi macabro: Cleofonte repeliu as propostas de paz de Esparta e condenou à morte oito dos generais vencedores: seis, que estavam presentes, foram executados imediatamente. O pretexto, porque não tiveram absolutamente culpa, foi de não haverem recolhido os naufragos e sepultado os cadáveres (9)... Mortos os generais, a armada ateniense mergulhou-se no ócio e na inatividade. Esparta preparava a vingança a toque de caixa.

Foi nessas graves e dolorosas contingências que Aristófanes, pondo de lado tôda e qualquer prevenção pessoal, colocando-se acima dos partidos, sonhou de olhos abertos com a salvação de Atenas e com o interesse público. Um só

7. Comandante das forças da **Liga**.

8. Cf. **As Rãs**, vv. 33; 193 seq.; 693 sq.

9. Cf. **As Rãs**, v. 540 e nota.

homem, não obstante sua ambição e desejo de mando (10), podia, a seu ver, salvar Atenas: **Alcibiades**.

Literária e religiosamente o quadro era o mesmo. Eurípides desaparecera em 407; Sófocles em 406. Melpômene era representada por um grupo de poetas mediocres, encaçados por Iofonte, filho de Sófocles. Fazendo um cotejo da Atenas democrática, militar, religiosa e literariamente gloriosa de antanho com a Atenas de seus dias, um espírito conservador e passadista como o de Aristófanes só poderia estabelecer "entre essas duas ordens de idéias uma estreita relação de causa e efeito". Se **no momento** (porque não havia outro melhor) Alcibiades representava para êle o protótipo do estadista, ou melhor, do **salvador**; se Ésquilo era a marca de uma época de glórias, do ponto de vista militar, literário e religioso — Cleofonte, (11) o estrangeiro, era o flagelo da democracia e Eurípides, o poeta inovador, espelhava a corrupção religiosa e a decadência literária. (12).

Foi êsse tema político-literário que lhe inspirou **As Rãs**.

ARGUMENTO

I — **Dioniso** ou Baco, deus do teatro, resolve descer até o Hades para trazer novamente à luz o poeta Eurípides, uma vez que, em Atenas, não havia mais poetas trágicos de valor.

Disfarçado em **Héracles**, com uma pele de leão sôbre uma vestimenta de mulher, uma clava nas mãos, de coturnos, (13) **Dioniso**, em companhia de seu escravo Xântias (Quixote e Sancho Pança!), dirige-se primeiramente à casa de **Héracles** para pedir-lhe infor-

10. Cf. **As Rãs**, v. 1432 sq.

11. Cf. **As Rãs**, 730 e nota.

12. Cf. **As Rãs**, passim.

13. O disfarce de Baco é cômicamente ridículo: a veste feminina; a pele de leão, a clava (adornos de Hércules) e o coturno (calçado privativo da tragédia)...

mações e conselhos a respeito da viagem e da topografia lá de baixo, (14) já que o filho de Alemena outrora descera também ao Orco. Toma, a seguir, a barca de Caronte e começa a travessia — êle e Caronte, porque Xântias... foi a pé e correndo! Segue-o o côro das **rãs** (donde o título da comédia) com o seu coaxar incessante: brekekekex, koax, koax!... Elas haviam de arrepender-se dêsse **koax!**... Após muitas aventuras e situações ridículas, destinadas a prender a atenção dos espectadores (**captatio benevolentiae**), para o verdadeiro assunto da peça, que vai começar, Baco e Xântias chegam ao reino de Plutão, em cujo palácio entram, não sem muitas discussões e chicotadas...

II — Na Parábase (2.^a parte), o côro, após interpelar Cleofonte e aconselhar a Cidade, começa a pedir a igualdade de todos os cidadãos, o término do regime do terror e a anistia para os que trabalharam ao lado dos Quatrocentos, visando, sobretudo, à união de todos para que se equipe uma esquadra poderosa. Interpela-os em nome do mesmo sangue que lhes circula nas veias. O côro, que fala em nome do **cidadão Aristófanes**, exige que se forme em Atenas uma só família, com os mesmos direitos e deveres.

III — Xântias, já no interior do palácio de Plutão, ouve gritos e insultos. Tratava-se de Ésquilo e Eurípides que disputavam o trono da Tragédia nos Infernos. É que Eurípides, ao chegar ao reino dos mortos, exibiu-se diante dos ladrões, dos arrombadores, dos parricidas e êstes, entusiasmados com seus trocadilhos e argúcias, exigiram para êle o sólio da Tragédia. Eurípides, exaltado, apossou-se do trono, ocupado por Ésquilo. O deus do teatro, como bom conhecedor da "arte", é eleito árbitro. Os dois adversários dissecam

14. Os gregos localizavam o Hades nas entranhas da terra, **lá em baixo**, portanto. É comum na literatura grega a expressão (ἀνο καὶ κάτω) = **em cima** (Terra) e **em baixo** (Hades).

a tragédia em sua presença: discutem **prólogos, lirismo, estilo, linguagem, moralidade das personagens...**

Dionísio, de acôrdo com o desejo de Ésquilo, faz trazer uma balança e inicia a pesagem das peças de ambos, verso por verso. Ésquilo vence sempre... É que o poeta da **Oréstia** recitava sobre o prato da balança **versos molhados**, como faziam os mercadores com a lâ! Quanto a Eurípides, seus versos eram alados... Por fim o filho de Sêmele submete-os a uma derradeira prova: quer saber-lhes a opinião sobre Alcibiades, sobre como salvar a Cidade e restabelecer a paz e os coros sagrados. Sob veementes protestos de Eurípides, Baco decide-se em favor de Ésquilo, que, apesar de obscuro às vêzes, não é um tagarela contumaz, porque não se senta ao lado de Sócrates, para comungar das idéias dos Sofistas...

O poeta de **As Eumênides** deverá retornar à luz. Na sua ausência e de acôrdo com a sua própria vontade, o sólio trágico será ocupado interinamente por Sófocles. Por intermédio de Ésquilo, Plutão manda a Cleofonte e a seus satélites "uma delicada mensagem", acompanhada de todos os **instrumentos necessários** (cicuta, cordas, espadas...): que morram o mais depressa possível! O Côro, desejando-lhes boa viagem, faz votos que Atenas se liberte das calamidades da guerra. Quanto ao demagogo Cleofonte, o estrangeiro, e a seus asseclas, desejosos da guerra, que desapareçam da Cidade...

RECONSTITUIÇÃO DO CENÁRIO

As mudanças de "cena" na comédia eram freqüentes. Empregava-se, nesse caso, o chamado **cenário simultâneo**, tao usado na Idade Média e que consistia em se representarem de antemão e lado a lado os lugares para onde a peça conduzia os espectadores. Entre outras comédias de Aristó-

fanos (**Acarneus, A Paz...**) **As Rãs** servem de exemplo a esta mudança de cenário.

A Comédia inicia-se em Atenas e tem por **cenário** (no fundo da orquestra) duas habitações particulares: à direita, a de **Héracles** e à esquerda, a de Plutão. Acontece, porém, que a Comédia em aprêço não tem por cenário unicamente a casa de **Héracles**, (em Atenas) e o palácio de Plutão (no Hades). Ha uma cena intermediária, vs. 180 a 270, cena esta que se passa em pleno rio **Aqueronte**, que Baco, acompanhado do côro das rãs, atravessa na barca de Caronte. Esta cena, aliás, dada a impossibilidade de se representar na orquestra **um rio, uma barca e o côro "nadador" das rãs**, ficou invisível aos olhos dos espectadores — o que, certamente, contribuiu para aumentar-lhe a "graça".

Sendo assim, parece evidente que, além das habitações de **Héracles** em Atenas, e do palácio de Plutão, no Hades, figurasse também, na orquestra, um **cenário simultâneo**, com os três lugares principais (Casa de **Héracles**, Rio Aqueronte e Palácio de Plutão) para onde a comédia conduzia os espectadores.

BIBLIOGRAFIA SINTÉTICA

TEXTOS

- Victor Coulon e Van Daele — **Aristófanés**, 5 vol., Texto e tradução — Les Belles Lettres, Paris, 1954.
- Th. Bergk — **Aristophanes, Comoediae**, T. II, Texto. Lipsiae, MCM.
- LITERATURAS E ESTUDOS
- Octave Navarre — **Les Cavaliers d'Aristophane**. Édit. Mellottée, Limoges, 1956.
- A. e M. Croiset — **Histoire de la Littérature Grecque**, 5 vol., Paris, 1899.
- Jules H. e Henri B. — **Histoire de la Littérature Grecque**, Didier, Paris 1947.
- Paul Mazon — **Essai sur la composition des comédies d'Aristophane**, Paris, 1904.
- Paul Mazon e L. Bodin — **Extraits d'Aristophane**, Paris, 1906.
- Paul Mazon — **La farce dans Aristophane et les Origines de la comédie en Grèce**, in *Revue d'Histoire du Théâtre*, I, Paris, 1951.
- O. Navarre — **Représentations dramatiques en Grèce**, Les Belles Lettres, Paris, s/d.
- Sir Arthur Pickard-Cambridge — **The Dramatic Festivals of Athens**. Oxford, At Clarendon Press, 1953.
- Bandeira Duarte — **História geral do Teatro, Grécia** (I e II) vol. II e III. Editôra Minerva, Rio, s/d.
- E. Deschanel — **La vie des comédiens**, Bruxelas, s/d.
- R. Pettazzoni — **La Religion dans la Grèce Antique**, Payot, Paris, 1953.
- Hugo Rahner, S. I. — **Mythes Grecs et Mystère Chrétien**, Payot, Paris, 1954.
- Thassilo de Scheffer — **Mystères et Oracles Helléniques**, Payot, Paris, 1943.
- Louis Roussel — **Le vers Grec Ancien**, P. Un. de France, Montpeñier, 1954.
- Charles Moeller — **Sagesse Grecque et Paradoxe Chrétien**, Casterman, Paris, 1950.

PERSONAGENS DA COMÉDIA

Xântias
Baco
Héracles
Um Morto
Côro das Rãs
Côro dos Iniciados
Éaco
Uma Escrava de Perséfone
Um Escravo de Plutão
Duas Hospedeiras
Eurípides
Ésqüilo
Plutão

RECOMPOSIÇÃO DO CENÁRIO

No fundo da orquestra vêem-se duas casas: à direita, a de **Héracles**; à esquerda, a de Plutão. Um **cenário simultâneo** mostra os três lugares principais (Casa de **Héracles**, Rio Aqueronte e Palácio de Plutão) para onde a comédia conduz os espectadores. Baco e Xântias entram pelo párodo direito. Baco está de coturnos. Cobrelhe o corpo um burlesco vestido amarelo (*), sôbre o qual há uma pele de leão. Nas mãos segura uma clava. Xântias, montado num burro, leva aos ombros uma recoveira de cujas extremidades pendem duas trouxas com a bagagem de Baco.

(*) Côr que não se recomendava às pessoas de bem, na Grécia antiga.

- XANTIAS — Devo ou não, meu amo, dizer uma daquelas minhas habituais pilhérias, que sempre provocam o riso nos espectadores?
- BACO — Por Zeus, diz o que quiseres, exceto, “estou apertado”. Evita dizê-lo, pois esse gracejo já se tornou repugnante.
- 5 XANTIAS — Não poderei dizer outro chiste qualquer?
- BACO — Exceto, “como estou apertado!”
- XANTIAS — Como? Direi então a grande facécia?
- BACO — Por Zeus, diz logo — basta que não me digas uma coisa...
- XANTIAS — Qual?
- BACO — Que me venhas a dizer, depois de mudares a recoveira de ombro, que estás com vontade de evacuar.
- 10 XANTIAS — Nem mesmo devo dizer que, sobrecarregado com tamanho fardo, se não aparecer alguém que me alivie dêle, eu vou soltar um traque?
- BACO — Isto não, eu te suplico, a não ser que desejes fazer-me vomitar.
- XANTIAS — Por que então devo levar as trouxas, se nada posso fazer do que fazem constantemente os Frínicos, os Lícis, os Amípsias, quando, a cada passo, carregam bagagens nas comédias? (15).
- BACO — Não o faças. Faze de conta que eu, no teatro, quando vejo tais recursos técnicos, saio com a idade acrescida de mais um ano.
- XANTIAS — Três vezes desditosa nuca, oprimida como estás, não podes mesmo provocar o riso!
- 20

15. Frínico, Lícis e Amípsias eram poetas cômicos que Aristófanes procura ridicularizar.

- BACO — Não é uma insolência êsse cúmulo de moleza? Eu, Baco, filho do cântaro de vinho, fatigo-me nas caminhadas, dando a êste patife um burro a fim de que não se canse e não tenha pêso a levar!
- 25 XANTIAS — Por ventura não sou eu quem transporta a carga?
- BACO — Se estás montado, que pêso levas?
- XANTIAS — Levo isto (**Apontando para as trouxas**)
- BACO — Como?
- XANTIAS — Com muita dificuldade.
- BACO — Acaso êste fardo que levas não é o burro que o transporta?
- XANTIAS — Não, êste que seguro e levo, não, por Zeus!
- BACO — Mas, como o transportas, se és por outro transportado?
- 30 XANTIAS — Não sei. Sei apenas que o meu ombro está esmagado.
- BACO — Pois bem, já que achas que o burro de nada te serve, chegou o momento: levanta o burro e carrega-o.
- XANTIAS — Por que, desgraçado de mim, não tomei parte na batalha naval?! Só assim há muito eu já te teria deixado a gemer sòzinho! (16).
- 35 BACO — Apeia, patife. Após uma boa caminhada, eis-me diante da porta, para onde eu me dirigia desde o princípio.

(Batendo à porta de Hércules)

Menino!... Jovem, digo, jovem!

HÉRACLES (**Gritando do interior da casa**) — Quem está esmurando a porta? — Seja quem fôr, escolheu-a como se fôsse um Centauro (17).

(**Abre-a e fica surpreso com a indumentária de Baco**)

Como? O que é isto?

16. Os escravos que tomaram parte na batalha das *Arginusas* foram libertados.

17. Centauro, ser monstruoso, metade homem, metade cavalo.

- 40 BACO (**Baixinho a Xântias**) — O jovem...
 XANTIAS — Que é?
 BACO — Não observaste?
 XANTIAS — O quê?
 BACO — Como êle tem medo de mim!
 XANTIAS — Por Zeus! Ele receia é que estejas louco.
 HÉRACLES — Oh! Não, por Deméter, não posso deixar de rir! Embora morda os lábios, não posso conter o riso.
 BACO (**Irônico**) — Ó homem divino, aproxima-te. Tenho algo a pedir-te.
- 45 HÉRACLES — Não, não é possível conter o riso, quando vejo uma pele de leão sôbre um vestido de mulher! Que significa isto? Que relação há entre um coturno e uma clava? (18) Por que terras andaste?
 BACO — Eu embarquei em Clístenes. (19)
 HÉRACLES — Tomaste parte na batalha naval?
- 50 BACO — Sim, e afundamos doze ou treze navios inimigos!
 HÉRACLES — Os dois?
 BACO — Sim, por Apolo!
 XANTIAS (**À parte**) — E logo depois eu acordei...
 BACO — E como no navio eu estivesse lendo a **Andrômeda** (20), súbitamente um desejo (podes avaliar com que intensidade!) se apossou do meu coração.
- 55 HÉRACLES — Um desejo? Tão grande como...
 BACO — Pequeno, como... Mólón (21).
 HÉRACLES — Por uma mulher?
 BACO — Não.
 HÉRACLES — Por um mancebo?

18. A clava e a pele de leão são adornos de Héracles: o coturno é o calçado da tragédia, não da comédia.
 19. Clístenes, tristemente célebre como efeminado, era trierarca, à época da grande batalha das Arginusas (cf. **Rãs**, 1.065) e aqui, Baco, num equívoco obsceno, compara-o a um navio.
 20. Tragédia de Eurípides. Baco quer mostrar que no navio comandado por Clístenes, apesar de se estar em guerra, pouco se trabalhava...
 21. Protagonista de Eurípides. Mólón era muito alto.

- BACO — Absolutamente.
 HÉRACLES — Por um homem, então?
 BACO — Isto mesmo!
 HÉRACLES — Tens estado... com Clístenes?
 BACO — Não zombes de mim, irmão; não há motivo. Positivamente não estou bem, tal a paixão que me devora!
- 60 HÉRACLES — De que natureza é, irmãozinho?
 BACO — Não saberia explicar-te. Falarei, todavia, por enigmas. Tiveste algum dia um desejo súbito de comer purê?
 HÉRACLES — De comer purê? Com a breca, dez mil vezes na minha vida!
 BACO — “Faíei claramente” (22) ou devo me explicar melhor?
- 65 HÉRACLES — Com respeito ao purê, não; compreendo perfeitamente.
 BACO — Pois bem, um desejo semelhante devora-me com relação a Eurípides.
 HÉRACLES — Mas, assim, por aquêle que já morreu? (23)
 BACO — Sim, e ninguém conseguirá dissuadir-me de ir procurá-lo.
 HÉRACLES — No fundo do Hades!? (24)
- 70 BACO — Sim, por Zeus, e mais em baixo ainda, se algo existe abaixo do Hades.
 HÉRACLES — Com que finalidade?
 BACO — Preciso de um poeta hábil: “porque uns não existem mais e os outros são medíocres.” (25)
 HÉRACLES — Como? Iofonte já morreu? (25 bis)

22. Hemistíquio de Eurípides, cf. **Hipsípila**.
 23. Eurípides, o jovem, vivia ainda.
 24. **Hades**, isto é, Inferno, que para os gregos estava situado nas entranhas da terra.
 25. Verso do **Eneu**, de Eurípides.
 25 bis. Poeta medíocre, filho de Sófocles e que, segundo se suspeitava, compunha suas tragédias com o auxílio paterno.

75 BACO — É, como vês, tudo o que ainda resta de bom, se de fato êle é bom! Eu, aliás, não vejo bem que sentido tem este “bom”.

HÉRACLES — Já que pretendes arrancar do Hades qual-quer um, não seria preferível trazer Sófocles à luz, em vez de Eurípides?

BACO — Não, antes quero provar Iofonte e ver o que êle é capaz de fazer sozinho, sem o auxílio de Sófocles. Além do mais Eurípides é muito astuto e empregará todos os meios para evadir-se de lá comigo, enquanto que Sófocles, pacato em vida, há de sê-lo igualmente lá em baixo. (26)

HÉRACLES — E Agatão? (27) Onde está êle?

BACO — Abandonou-me, partiu: um poeta de valor, pranteado pelos amigos.

85 HÉRACLES — Aonde foi o infeliz?

BACO — Para o banquete dos bem-aventurados. (28)

HÉRACLES — E Xênocles? (29)

BACO — Oxalá morra, por Zeus!

HÉRACLES — E Pitângelo? (30)

XANTIAS (A parte) — A meu respeito, nem uma palavra (31), eu aqui com o ombro tão dolorido!

90 HÉRACLES — Não há por aqui outros jovens poetas, que compõem tragédias, cujo número excede a dez mil e que são infinitamente mais tagarelas que Eurípides?

BACO — Tudo isso é rebotalho, mera tagarelice, música de andorinhas; corruptores da arte, que rapidamente se eclipsam, tão logo obtenham um côro, pelo simples prazer de terem mijado na musa trágica. Mas um poeta

26. Lá em baixo, com relação à terra, que ficava lá em cima

27. Poeta trágico e cômico, Cf. O Banquete, de Platão.

28. Isto é, morreu.

29. Poeta trágico, medíocre.

30. Poeta trágico, desconhecido.

31. Xântias deseja que se lhe diga uma palavrinha a fim de que possa livrar-se da carga que lhe esmaga os ombros.

“inspirado” que nos faça ouvir expressões nobres, que o procures, não o encontrarás.

HÉRACLES — Inspirado, como?

BACO — Sim, inspirado como aquêle que fôsse capaz de inventar expressões atrevidas, do quilate de “Éter, pequenina mansão de Zeus” (32) ou o “pé do tempo” (33) ou ainda “O coração não quer jurar pelas vítimas, mas a língua perjura sem a cumplicidade do coração”. (34)

HÉRACLES — Gostas dessas coisas?

BACO — Melhor seria dizeres que estou mais do que louco por elas.

HÉRACLES — Em verdade são malabarismos e esta é também a tua opinião.

105 BACO — “Não habites meu espírito”, já tens a tua casa. (35)

HÉRACLES — Tudo aquilo, de fato, parece-me simplesmente detestável.

BACO — Ensina-me a comer... (36)

XANTIAS (A parte) — A meu respeito, nem uma palavra!

110 BACO — A razão que me leva a vir aqui, vestido como tu (37), é para que me indiques, se disso eu tiver necessidade, os hospedeiros que te serviram, quando fôste buscar Cérbero. (38) Fala-me a respeito de tudo isto. Peço também que me apontes os portos, padarias, bordéis, pousos, latrinas, fontes, caminhos, cidades, pen-

32. Alusão a um verso de Melanipe, de Eurípides: “Eu juro pelo éter sagrado, mansão de Zeus”. Irônicamente o poeta substituiu mansão por pequenina mansão.

33. Cf. Eurípides, Bacantes, 888.

34. Idem, Hipólito, 612.

35. Isto é, “não substituas o teu pensamento pelo meu”. Verso de Eurípides.

36. Isto é, “em comer poderias dar-me lições”. Héracles, de fato, era um respeitável glutão.

37. A clava e a pele de leão eram os adornos preferidos de Hércules.

38. Cão fabuloso de três cabeças que montava guarda à porta do Hades.

- sões e hospedarias... onde haja o menor número possível de percevejos!
- 115 XANTIS (A parte) — A meu respeito, nem uma palavra!
 HÉRACLES — Ó insensato, ousarás ir até lá?
 BACO — Sim, e nada digas contra: indica-me tão somente o caminho mais curto para chegarmos ao fundo do Hades — um caminho que não seja nem muito quente, nem muito frio.
- 120 HÉRACLES — Bem, vejamos qual te aconselharei primeiro. Qual? ... Existe um entre uma corda e um tablado. Terás apenas que pendurar-te.
 BACO — Basta. Esse é sufocante.
 HÉRACLES — Mas existe um atalho, já muito explorado, através do almofariz.
 BACO — Referes-te à cicuta?
- 125 HÉRACLES — Exatamente.
 BACO — Esse é frio, é glacial. Além do mais, as pernas logo se entorpecem.
 HÉRACLES — Queres que te ensine um em declive e rápido?
 BACO — Sim, por Zeus, porque não sou bom andarilho.
 HÉRACLES — Desce ao Ceramico. (39)
 BACO — E depois?
- 130 HÉRACLES — Sobe ao cimo da torre.
 BACO — Para quê?
 HÉRACLES — Presta atenção de lá ao sinal da corrida das tochas (40) e quando os espectadores gritarem: "lança", então lança-te a ti mesmo.

39. Bairro de Atenas, em que se efetuavam as **Lampadodromias**, festas em honra de Atená, Prometeu e Hefesto. A parte principal dessas solenidades consistia em correr com as tochas acesas até o fim do percurso. O sinal da partida era dado por uma tocha que se lançava do alto de uma torre.

40. O percurso das **Lampadodromias** (corrida das tochas) era de 1.100 metros. Começava na **Academia** e terminava no **Dípilon**

- BACO — Aonde?
 HÉRACLES — Lá em baixo.
- 135 BACO — Mas, eu perderia duas membranas do cérebro. Não, não irei por esse caminho.
 HÉRACLES — Por onde irás então?
 BACO — Pelo mesmo caminho que seguiste outrora.
 HÉRACLES — O trajeto, porém, é longo e chegarás depois a um lago imenso e abissal.
 BACO — Como poderei atravessá-lo?
 HÉRACLES — Um barqueiro idoso conduzir-te-á num batelzinho, mediante o pagamento de dois óbolos. (41)
 BACO — Que força têm em toda a parte os dois óbolos! Como chegaram eles até lá? (42)
 HÉRACLES — Foi Teseu que os levou. Verás a seguir muitas serpentes e grande número de monstros horríveis.
 BACO — Não procures amedrontar-me nem aterrorizar-me. Não me dissuadirás.
 HÉRACLES — Verás, depois, um lodaçal imundo e submersos nêles todos os que faltaram ao dever de hospitalidade; os que, após terem seduzido uma criança, negaram-lhe a quantia prometida; os que espancaram a própria mãe; os que esbofetearam o pai, ou proferiram um falso juramento.
- 150 BACO — E, pelos deuses, é preciso ajuntar a esses, todo

(“Porta Dupla”, marco de separação entre o Ceramico interior e o exterior).

41. **Caronte**, o barqueiro do Inferno, cobrava apenas um óbolo, mas Aristófanes eleva o preço da passagem para dois, aludindo assim à **diobelia** (dois óbolos) gratificação de guerra, aqui no caso, que Cleofonte fez votar, em 410 a. C. Veja a Introdução.

42. O poeta presume irônicamente que Teseu levou ao mundo infernal essa moeda ateniense. De fato, Teseu foi ao Hades em companhia de Píritoo, com a finalidade de rapiar Perséfone.

aquêle que aprendeu a dança pírrica de Cinésias (43) ou plagiou alguma passagem de Mórσιμο. (44)

155 HÉRACLES — Prosseguindo, envolver-te-á um sôpro de flautas. Divisarás uma esfusiante claridade, como aqui; encontrarás bosques de mirto, grupos bem-aventurados de homens e mulheres e um estrepitoso bater de palmas.

BACO — Quem são êstes?

HÉRACLES — Os Iniciados. (45)

160 XÂNTIAS (A parte) — Por Zeus, eu sou um asno que celebra os mistérios (46). Não segurarei mais esta bagagem por muito tempo. (Xântias começa a desembaraçar-se das trouxas)

HÉRACLES — Os Iniciados dir-te-ão em côro aquilo de que necessitares, pois habitam mesmo na beira da estrada, junto às portas do Hades. Boa viagem, pois, irmão.

165 BACO — Também a ti, por Zeus, almejo felicidades. E tu, (a Xântias) pega de novo a bagagem!

XÂNTIAS — Antes mesmo de havê-la deposto?

BACO — E sem perda de tempo. Vamos!

XÂNTIAS — Não, suplico-te. Ajusta um outro que esteja prestes a ser enterrado e que concorde em transportar-te a bagagem.

BACO — E se eu não o encontrar?

XÂNTIAS — Bem, nesse caso, poderás levar-me.

43. Poeta ditirâmico e músico inovador, já satirizado em *As Aves*, vv. 1373-1409.

44. Poeta trágico de poucos recursos, cf. *Os Cavaleiros*, 401; *A Paz*, 801 ss.

45. Em *Elêusis*, hoje *Lévsina*, celebravam-se o culto de Deméter e os *Mistérios* chamados de *Elêusis*. Os Iniciados nesses *Mistérios* acreditavam que, após a morte, gozariam uma vida bem-aventurada.

46. "Asno que celebra os *Mistérios*" dizia-se proverbialmente daquele que *suportava um peso*, como o asno que carregava a bagagem dos Iniciados, quando êstes se dirigiam a *Elêusis*, para celebrar os *Mistérios*.

170 BACO — De acôrdo. Sim! ... Eis que, precisamente estão levando um morto. Olá! É contigo que eu estou falando, ó morto! Homem, queres levar-me êstes pequenos objetos até o Hades?

O MORTO — Quantos são, mais ou menos?

BACO — São êstes (**Apontando para as trouxas**)

O MORTO — Estás disposto a pagar-me duas dracmas? (47)

BACO — Não, por Zeus, faz isso mais em conta.

O MORTO (**Aos que o levam**) — Vamos, a caminho!

175 BACO — Com a breca! Espera um pouco, vamos chegar a um acôrdo!

O MORTO — Se não queres dar-me as duas dracmas, não discutas.

BACO — Toma, nove óbolos!

O MORTO — Antes ressuscitar! (48)

XÂNTIAS — Como é orgulhoso êste maldito! Não será castigado? Irei eu!

180 BACO — És um bom rapaz. Dirijamo-nos à barca.

CARONTE (49) — Oop! Atraca.

XÂNTIAS — Que é isto?

BACO — Por Zeus, é o lago de que êle nos falou. Estou vendendo uma barca.

XÂNTIAS — Sim, por Poseidon e aquêle ali é Caronte.

BACO — Salve, ó Caronte! Salve, ó Caronte! Salve, ó Caronte!

185 CARONTE — Quem se dirige ao local do repouso, após sair das misérias e preocupações da vida? Quem se dirige às

47. A dracma valia seis óbolos. O transporte, no caso, sairia muito mais caro que o preço da passagem.

48. Resposta chistosa; é o oposto do que dizem os vivos: **antes morrer!**

49. **Caronte** é um gênio infernal. Sua missão era transportar as almas para além dos pântanos tenebrosos do **Aqueronte**. Pagava-se-lhe um **óbolo**, daí o hábito de se colocar uma moedazinha na bôca dos defuntos.

planícies do Letes, (50) à Tosquia do Asno, (51) aos Cerbérios, (52) aos Corvos, (53) ao Tênaro? (54)

BACO — Eu.

XÂNTIAS — Depressa, entra aí em qualquer lugar.

BACO — Pensas, realmente, atracar nos **Corvos?**

190 CARONTE — S'm, por Zeus, pelo menos por tua causa! Embarca, pois.

BACO (**A Xântias**) — Aqui, jovem.

CARONTE — Não transporto escravo, a não ser que tenha tomado parte na batalha naval, (55) para salvar a pele. (56)

XÂNTIAS — Por Zeus, não estive lá, por estar sofrendo dos olhos.

195 CARONTE — Queres, então, fazer o circuito do lago, correndo?

XÂNTIAS — Onde é que deverei esperá-los?

CARONTE — Junto à pedra da Secura (57), nos pousos.

BACO — Compreendes?

XÂNTIAS — Cômpreendo muito bem. Desgraçado de mim! Que encontrei, ao sair de casa? (58) (**Retira-se**)

CARONTE (**A Baco**) — Senta-te junto ao remo. Se algum

50. **Letes**, rio do esquecimento, cf. Vergílio, **Eneid.**, VI, 713-715.

51. **Tosquia do Asno**, expressão proverbial para indicar um lugar inexistente (**não se tosquia um burro!**)

52. **Cerbérios**, neologismo do poeta, cruzamento de **Cérbero** com **Cimériob**, povos que habitavam à beira-mar, segundo Homero, O. XI, 14.

53. **Corvos**, expressão grega correspondente ao português "os diabos o levem!"

54. **Tênaro**, cabo da Lacônia, onde os gregos acreditavam estar situada a entrada dos Infernos.

55. Alusão à batalha das **Arginusas**, cf. v. 34.

56. A palavra grega é **carne**, que, vulgarmente na Grécia, equivalia a **corpo, pessoa**, existência.

57. Palavra forjada por Aristófanes, à imitação de **pedra de Leucas**, isto é, "pedra onde não se ri", cf. Hom. O. XXIV, 2.

58. Alusão à superstição grega: certos encontros eram considerados de mau agouro.

outro deseja atravessar, que se apresse. (**A Baco**) Éh! que fazes? (59)

BACO — O que faço? Que deveria fazer se não sentar-me junto ao remo, como ordenaste?

200 CARONTE — Queres sentar-te aí, não é, barrigudo?

BACO — Já estou.

CARONTE — Queres colocar os braços para frente e esticá-los?

BACO — Pronto!

CARONTE — Não te finjas de tolo: baixa os pés e rema com vontade!

205 BACO — Como poderei remar? Não conheço o ofício, nem estive em Salamina! (60)

CARONTE — Muito facilmente. Logo que pegares o remo, ouvirás cantos dulcíssimos.

BACO — De quem?

CARONTE — Das Rãs-Cisnes. Cantos admiráveis!

BACO — Muito bem! Comanda a manobra.

CARONTE — O opop! O opop!

(**A medida que o barco avança, ouve-se o coaxar das rãs invisíveis**)

210 AS RÃS (61) — Brekekekex, coax, coax, brekekekex, coax, coax. Lacustres filhas das fontes, façamos ouvir o clamor harmonioso de nossos hinos, meu canto de doces acordes, coax, coax, que, em honra de Dioniso Niseu (62), filho de Zeus, entoamos nas Limnas, (63) quando,

215

59. Baco, em lugar de segurar o remo com a mão, colocou os pés sobre ele.

60. Referência à batalha naval de **Salamina**, em 480 a. C. Cf. **Introdução**.

61. Este côro é o que fornece o nome à **Comédia**. Na cena, **Baco**, **Caronte** e as **Rãs** permanecem invisíveis aos espectadores.

62. **Niseu**, isto é, habitante do monte **Nisa**, na Trácia, onde, segundo a lenda, Baco nasceu e foi educado. Cf. **Ilíada**, VI, 133.

63. **Limnas**, isto é, **Pântano**. Era um bairro de Atenas, entre o teatro de **Dioniso** e o Ilisso, onde havia um templo de BACO. **Lénaion**, que se abria uma só vez por ano, no dia 12 do mês **Anthesteriôn** (fevereiro).

na embriaguez dos festins, nas sagradas Panelas (64), a massa humana se dirige à minha habitação. Brekekekex, coax, coax.

220 BACO — Quanto a mim começo a não me sentir muito bem no ânus, ó coax, coax!

AS RĀS — Brekekekex, coax, coax.

BACO — Para vós isto tem pouca importância.

225 AS RĀS — Brekekekex, coax, coax.

BACO — Cuidado! Podeis estourar com êsse coax! Nada so's, senão coax!

230 AS RĀS — Naturalmente. Tens muitas outras preocupações. Eu sou querida das musas, de belas liras, (65) do cornípede Pã, (66) que se delicia em tocar flauta. Além disso sou o gôzo do citarista Apolo (67), porque, nas profundidades do lago, zelo pelo caniço que serve de suporte à sua lira. Brekekekex, coax, coax.

235 BACO — E eu estou com bôlhas nas mãos e já de há muito meu traseiro sua. Daqui a pouco, de tanto se abaixar, êle acabará dizendo...

AS RĀS — Brekekekex, coax, coax.

240 BACO — Vamos, raça melodiosa, calai-vos!

64. A festa das **Antestérizs** durava três dias: de 11 a 13 do mês **Anthesteriôn**. No primeiro dia chamava-se **pithoigia** (abertura dos tonéis) em honra do vinho novo; no segundo, **khôes**, consagrado às bebedeiras e no terceiro, denominavam-se **khütroi** ou **Panelas**, dia em que se ofereciam a Hermes (Mercúrio), panelas cheias de legumes cozidos. A multidão, ainda meio embriagada da véspera, saía em procissão pelo bosque sagrado do **Lénaion**, carregando **panelas**.

65. As **Rās** pretendem, com seu canto, agradar às musas, que, originariamente, eram ninfas das fontes. Note-se que ora é o côro das rās que dialoga com Baco e então a forma de tratamento é a primeira pessoa do plural, ora é uma delas e nesse caso a forma de tratamento é a primeira pessoa do singular.

66. **Pã** é o inventor da flauta.

67. A cítara era o instrumento por excelência de Apolo. Segundo o hino homérico, Hermes foi o seu inventor. A lira sêrviam de suporte os caniços do brejo.

AS RĀS — Pelo contrário, cantaremos ainda mais forte, se é certo que nos dias ensolarados saltamos entre a junça e o junco, felizes com nossas melodias entrecortadas de mergulhos mil ou se, fugindo ao aguaceiro de Zeus, continuamos a entoar nossos coros alegres no fundo das águas, ao ruído das bôlhas.

245 BACO (**Furioso**) — Brekekekex, coax, coax! (**Peida ruidosamente**). Eis o que aprendi convosco!

AS RĀS — É uma indignidade! Para o momento a ofensa é muito forte.

250 BACO — Muito mais forte para mim se estouro de tanto remar!

AS RĀS — Brekekekex, coax, coax.

BACO — Gemei à vontade, pouco me importa.

260 AS RĀS — Coaxaremos, então, com tôdas as fôrças de nossa garganta, durante tôda a travessia...

BACO (**A plenos pulmões**) — Brekekekex, coax, coax. Não me vencereis!

AS RĀS — Nem tu a nós, de maneira alguma.

265 BACO — Nem vós a mim, nunca. Coaxarei, se necessário fôr, durante todo o dia, até dominar-vos com vosso próprio coax. (**Urrando e peidando**) Brekekekex, coax, coax! Ah! Eu estava certo de que acabaria reduzindo ao silêncio o vosso coax.

270 CARONTE (**A Baco**) — Olá! Pára! pára! Larga os remos. Desembarca e paga a passagem.

BACO — Toma, eis os dois óbolos. Xântias... Onde está Xântias? Xântias? Êh! Xântias!

XĀNTIAS (**De longe**) — Hein?

BACO — Vem cá.

XĀNTIAS (**Aparecendo**) — Salve, meu amo.

BACO — Que há por lá?

XĀNTIAS — Trevas e lama.

BACO — Viste em alguma parte os parricidas e perjuros de que nos falou Héracles?

275 XĀNTIAS — E tu, não os viste?

- BACO — De certo, por Poseidon (**Voltando-se para os espectadores**) e ainda agora os vejo! Bem, e agora o que faremos?
- XÂNTIAS — O melhor é irmos avante, uma vez que êste sítio é o paradeiro de terríveis monstros, conforme êle nos disse.
- 280 BACO — **Héracles** vai me pagar! Fingiu-se corajoso para amedrontar-me. Encheu-se de inveja porque sabe que sou destemido. “Em verdade, ninguém é mais orgulhoso” (68) que **Héracles**. Para falar a verdade, eu gostaria de ter um encontro, uma aventura digna desta viagem!
- 285 XÂNTIAS — Olha, por Zeus, estou ouvindo exatamente um ruído.
- BACO (**Assustado**) — Onde? Onde é?
- XÂNTIAS — Atrás.
- BACO — Passa para trás.
- XÂNTIAS — Não, é na frente.
- BACO — Passa para a frente, então.
- XÂNTIAS — Por Zeus, eis que vejo um grande monstro.
- BACO — Como é?
- 290 XÂNTIAS — Horrendo! Metamorfoseia-se todo, ora em burro; às vezes em linda mulher.
- BACO — Onde está ela? Vamos, vou-lhe ao encontro!
- XÂNTIAS — Mas já não é mulher; agora é um cão.
- BACO — Bem, nesse caso é Empusa (69).
- XÂNTIAS — Pelo menos todo o seu rosto expele chamas.
- BACO — Tem uma perna de bronze.
- 295 XÂNTIAS — Por Poseidon, sim. E outra de bosta, podes crer.
- BACO — Para onde fujo?

68. Hemistiquio do prólogo de **Filoctetes**, de Eurípides. Aristófanes substituiu o final do verso “do que o homem por seu próprio impulso” por “do que **Héracles**”.

69. Monstro multiforme que **Hécate** enviava para aterrorizar os homens.

- XÂNTIAS — E eu?
- BACO (**Correndo para junto do sacerdote de Baco que, nas festas dramáticas, ocupava a primeira fila**) — Sacerdote, salva-me, para que eu possa beber contigo!
- XÂNTIAS — Estamos perdidos, ó Senhor **Héracles!** (70).
- BACO — Por favor, homem, não me chames, peço-te, nem pronuncies meu nome.
- 300 XÂNTIAS — Direi então... ó **Dioniso!**
- BACO — Este, menos que o outro.
- XÂNTIAS — Segue teu caminho. Por aqui, por aqui, meu amo!
- BACO — Que há?
- XÂNTIAS — Tranqüiliza-te. Tudo corre bem e podemos dizer com Hegéloc: “Salvo das ondas, vejo novamente a doni-nha”. (71) Empusa desapareceu.
- 305 EACO — Jura!
- XÂNTIAS — Sim, por Zeus.
- BACO — Jura novamente!
- XÂNTIAS — Por Zeus!
- BACO — Jura!
- XÂNTIAS — Por Zeus!
- BACO — Oh! Como empalideci, ao vê-la.
- XÂNTIAS (**Apontando para a roupa de Baco**) — É esta, de mêdo, ficou vermelha...
- 310 BACO — Qual é a origem destas desgraças que me afligem? A qual dos deuses acusarei de estar tramando a minha ruína?

70. Invocação a **Héracles** — que afasta os males —, ridicularizando assim o **falso Héracles** (Baco).

71. Referência à desastrosa dicção do ator **Hegéloc**, que pronunciou a frase citada, que é o v. 272 do **Orestes** de Eurípides, dando-lhe um sentido tão ridículo, que esteve a ponto de fazer fracassar a Tragédia. Hegéloc em vez de proferir **galên'** (em posição de **oxítono**), que significa **bonança, calma**, pronunciou **galên** (**perispômeno**), cujo sentido é **doninha**.

“Ao Éter, pequenina mansão de Zeus” ou “ao pé do tempo”? (72)

(**Ouve-se, no interior, um som de flauta**)

XÂNTIAS — Êh!

BACO — Que é?

XÂNTIAS — Não ouviste?

BACO — O quê?

XÂNTIAS — Um som de flautas.

315 BACO — Sim, e um sôpro místico de archote passou sobre mim. Vamos, abaixemo-nos e, cheios de temor, escutemos.

CÔRO DOS INICIADOS (**Ao longe**) — Iaco, ó Iaco, Iaco, ó Iaco!

320 XÂNTIAS — Ê isto mesmo, meu amo. Os Iniciados, de que êle nos falou, divertem-se algures. Cantam a Iaco (73), o mesmo que celebram através da Ágora. (74).

BACO — Também a mim me parece. Ê, porém, melhor, ficarmos quietos, até sabermos ao certo.

325 330 CÔRO DOS INICIADOS (**Aproximando-se**) — Iaco, ó Iaco, veneradíssimo Iaco, que habitas esta mansão; (75) Iaco, Iaco, vem dançar nestas campinas, vem para junto dos membros do sagrado tíaso (76), agitando em tórno da cabeça uma coroa de mirtos, coberta de abundantes frutos; e, ferindo atrevidamente o solo com o pé, dirige

72. Expressões de Eurípides, já citadas, cf. v. 100.

73. **Iaco**, sobrenome místico de Baco nos mistérios eleusinos, nos quais seu culto estava unido ao de Deméter. Os Iniciados continuam nos Infernos a celebrar as cerimônias que se realizavam, anualmente, no dia 19 do mês **Boedromiôn** (setembro), quando iam, em procissão solene, da Ágora de Atenas até Elêusis, onde chegavam à tarde, conduzindo tochas acesas.

74. A **Ágora** de Atenas era como que uma “pequena cidade” dentro da cidade grande. Circundavam-na alamêdas de álamos e os edifícios do Senado, tribunais e templos magníficos.

75. Isto é, o **Iakkheion**, templo de Iaco (Baco), em Atenas, no Ceramico interior, cf. v. 129.

76. **Tíaso**, confraria que celebrava sacrifícios em honra de um deus, especialmente de Baco.

335 a dança viva e frenética, interpenetrada das Graças (77), a dança venerável e sagrada de teus piedosos Iniciados.

XÂNTIAS — Ó veneradíssima soberana, filha de Deméter, que delicioso cheiro de carne de porco (78) chegou até mim!

BACO — Cala a bôca. Procura agarrar também algum pedaço de chouriço (79).

340 CÔRO DOS INICIADOS (**Entrando**) — (80) Desperta. Agitando a chama das tochas, chegou Iaco! Ó

345 Iaco, fúlgida estrêla da festa noturna. A campina é um deslumbramento de luz. Revigoram-se os anciãos,

550 sacudindo os sofrimentos e o pêso dos anos, em consequência da festa sagrada. Tu, com teu archote coruscante, aproxima-te e conduz para a planície (81) florida e úmida, ó bem-aventurado, a juventude que forma teus coros.

555 CORIFEU (**Vestido de Hierofonte**) (82) — Que se recolha e deixe livre o espaço para os nossos coros, todo aquêle que não é versado em semelhante linguagem; o profano que não vê, nem celebra, com danças, os mistérios; o que não foi iniciado nos acentos báquicos de Cratino Taurófago (83); o que se delicia com im-

77. As **Graças** (ou Khárites), Cárites, (Egle, Eufrosina e Talia) estavam sempre presentes onde quer que se celebrasse algo em honra de Baco.

78. Aquêles que se iniciavam nos mistérios imolavam um porco. O materialista Xântias sente, com a imaginação, um cheirinho “místico” da carne desse animal!

79. Baco, para conseguir que Xântias se cale, alimenta-lhe a gula-dice com a esperança de um pedaço de chouriço.

80. O côro entra na orquestra pelo **párodo** direito. Os Iniciados, de branco, com a cabeça coroada, conduzem tochas. Iaco, na imaginação dêles, personifica o cortejo.

81. Isto é, Elêusis.

82. Sacerdote que conduz e explica os mistérios.

83. **Taurófago**, isto é, “comedor de touros”. É um título de honra que o comediôgrafo outorga a **Cratino**, poeta cômico e ditirâm-

portunos versos chocarreiros; o que, em vez de reprimir as odiosas sedições, e ser condescendente para com seus concidadãos, atíça e exacerba a discórdia em seu próprio interesse; aquêle que, magistrado numa cidade, deixa-se corromper com presentes, entrega uma fortaleza ou navios, exporta de Egina mercadorias proibidas — qual novo Toricião (84), êsse infame cobrador da vigésima — e transporta para Epidauro couro, velas e pez; o que aconselha se empreste dinheiro aos inimigos para a construção de navios; (85) o que emporcalha as imagens de Hécate (86), não obstante emprestar sua voz aos coros cíclicos; o que, sendo orador, cerceia o salário dos poetas, (87) por ter sido satirizado nas festas nacionais de Baco. A todos êsses digo, repito e torno a dizer pela terceira vez, que deixem livre o espaço para os coros dos Iniciados. Quanto a vós, revigorai os vossos cantos, para bem celebrarmos as vigílias, como é condigno na festa presente.

CÔRO — Que cada um, pois, caminhe resolutamente pa-

bico, seu principal êmulo. O epíteto **Taurófago** applicava-se a Baco, seja porque em certos concursos se oferecia um touro aos poetas ditirâmicos, seja porque Dioniso gostava muito de carne crua de boi.

84. Em 413, após a ocupação de **Decélia** pelos Espartanos, os Atenienses estipularam a taxa de um vigésimo, em substituição ao tributo dos aliados, sobre tôdas as importações e exportações. Toricião, adjudicatário ad hoc, cometeu tôda sorte de irregularidades. De Egina (onde estava Toricião), perto do Peloponeso, era relativamente fácil mandar mercadorias aos Lacedemônios, fazendo-as passar por Epidauro, fiel aliada de Esparta.

85. Alusão a **Alcibiades**, que, segundo Xenofonte, **Helênicas**, II, 1, II, havia aconselhado a Ciro, o Jovem, que emprestasse dinheiro a Lisandro, para equipar a frota espartana.

86. **Cinésias**, poeta ditirâmico, prêso de fortes cólicas (Cf. Arist. **As Aves**, 1372, ss.), defecou junto a um nicho de Hécate, em Atenas.

87. O orador **Agirrio**, para vingar-se de algum poeta que o havia satirizado, propôs à Assembléia que se diminuísse o salário dos poetas cômicos, alegando ser medida de economia.

ra os recônditos floridos desta campina, ferindo o solo com os pés, proferindo pilhérias, gracejos e chacotas (88). Nós almoçamos muito bem (89). Vamos, a caminho! Prepara-te (90) para nobremente exaltar com tua voz melodiosa a Libertadora (91), que prometeu, mau grado Toricião, defender sempre êste país.

380 CORIFEU — Vamos, entoai um hino diferente em honra da **frutífera** rainha (92), a deusa Deméter: adornai-a com vossos cantos divinos.

385 CÔRO — Deméter, rainha das sagradas orgias, assistenos, protege teu côro. Faze que eu possa, durante tôda a jornada, entregar-me despreocupadamente aos folguedos e danças. Oxalá, mesclando o riso com a seriedade, após gracejar e divertir-me de um modo digno de tua festa, possa ornar-me com as fitas da vitória. (93)

395 CORIFEU — E agora, vamos, atraí com os vossos cantos o deus jovial (94), vosso companheiro de itinerário, nesta dança.

400 CÔRO — Ó veneradíssimo Iaco, inventor da melodia tão suave que se entoa nesta solenidade, vem aqui, acompanha-nos até o templo da deusa (95), e mostra que, sem desfalecimento, és capaz de perfazer tão longa

88. As **pilhérias**, **gracejos** e **chacotas** faziam parte **intrínseca** da religião dionisiaca: é uma lembrança do **kômos** antigo — procissão jocosa de camponeses embriagados, em honra a Baco, após a vindima.

89. O cortejo dos Iniciados partia de Atenas ao meio dia, após um lauto almoço.

90. A mudança de tratamento (**vós - tu**), aqui, como em outros lugares, é facilmente explicável: **vós** é o tratamento que o **corifeu** (chefe do côro) dá ao côro e **tu**, o tratamento que êste dá àquele.

91. **Perséfone** (Prosérpina), filha de Deméter (Ceres).

92. **Deméter** era o símbolo de tôdas as forças produtoras da natureza.

93. Os vitoriosos ornamentavam com fitas as frentes.

94. Isto é, Baco.

95. Deméter.

caminhada. (96) Ó Iaco, amigo dos coros, guia os meus passos. Fôste tu que, para provocar o riso, e por medida de economia (97), despedaçaste os nossos trapos e sandálias e, sem prejuízo, nos fizeste dançar e divertir. Iaco, amigo dos coros, guia meus passos. Com efeito, olhando de soslaio, vi uma donzela, linda companheira destes folguedos, e por um pequenino rasgões do vestido, divisei-lhe, a saltitar, a pontinha do seio. Iaco, amigo dos coros, guia meus passos.

415 XÂNTIAS — Quanto a mim, nem é preciso dizer, estou sempre disposto a acompanhá-la... meu único desejo é pular e dançar com ela!

BACO — E eu também!

CORIFEU — Quereis certamente que zombemos juntos de Arquedemo (98), que, estando em Atenas, há sete anos, ainda não conseguiu ser membro da fratria? Tornou-se agora demagogo entre os mortos lá do alto (99) e exerce ali o principado da perversidade. O filho de Clístenes, ouço dizer, arrancava os pêlos do traseiro entre os túmulos e dilacerava o rosto. Batento humildemente no peito, gemia e chamava, aos gritos, por

96. A distância de Atenas a Elêusis era de cem estádios — 18 km. e meio, mais ou menos.

97. Ao que parece, a economia de que fala o poeta, parte, não de Baco, mas dos próprios Iniciados. O sentido do texto seria o seguinte: “por tua causa, Baco, para honrar-te nesta caminhada, de tanto pular e dançar, rasgamos nossas vestes e sandálias, já bem velhas, que pusemos, por medida de economia.”

98. Arquedemo, cognominado o Remeloso, era, na época, o chefe do partido popular. Estava em Atenas há sete anos e ainda não conseguira a cidadania, nem tão pouco ser admitido em nenhuma das fraternias atenienses (pois, como se sabe, os meninos eram inscritos nos registros das fraternias, o mais cedo possível, no terceiro dia da festa das Apatúrias — festas atenienses e iônicas, que se realizavam no mês Püanepsión, meados de outubro, ocasião de praxe para os ditos registros ou inscrições nas fraternias).

99. Expressão cômica para designar os vivos (atenienses).

Sebino, um que é de Anafliste (100). Diz-se também que Cálias (101), como sabeis, filho de Hipobino, cobriu-se com uma vulva, à guisa de pele de leão, para travar um combate naval.

430 BACO — Poderíeis dizer-me o lugar onde reside Plutão? Somos dois estrangeiros recém-chegados.

435 CORIFEU — Não há necessidade de ires mais longe, nem de repetires a pergunta: já estás junto à porta do palácio de Plutão.

BACO (A Xântias) — Podes pegar novamente a bagagem, meu jovem.

XÂNTIAS — Que é isto? “Corinto, filho de Zeus” (102) até nas bagagens?

440 CORIFEU — Vinde ao sítio sagrado da deusa, ao bosque florido, vinde aos folguedos, vós que participais da festa querida dos deuses. Eu irei com as donzelas e matronas aonde se faz a vigília em honra da deusa, levando a tocha sagrada.

450 CÔRO — Vamos aos prados floridos, esmaltados de rosas e, segundo nosso hábito, divirtamo-nos, formando o côro tão belo, a que presidem as bem-aventuradas Moiras (103). Para nós somente brilha o sol, espargindo sua luz festiva; para nós somente, os Iniciados, (104) que du-

455

100. O filho de Clístenes, herdeiro dos hábitos paternos, chorava a seu modo, um seu companheiro de libertinagem, chamado Sebino, da comunidade de Anafliste, à letra, **toque, contato**.

101. Ateniense rico. Note-se que Sebino e Hipobino têm a mesma terminação — **bino** — proveniente do verbo grego **binein**, designativo de “relações sexuais”.

102. Provérbio que se applicava aos que repetiam sempre a mesma coisa. Os Coríntios tinham constantemente nos lábios o seu antepassado **Corinto**, que se dizia filho de Zeus.

103. As **Moiras** (Moirai) ou Parcas presidiam aos destinos humanos. Eram elas: **Cloto** (segurava o fuso); **Láquesis** (fiava o destino dos homens); **Atropos** (cortava o fio da duração da vida).

104. Os Iniciados acreditavam que, após a morte, gozariam de eterna bem-aventurança.

rante a nossa existência fomos benéficos aos nossos cidadãos e aos estrangeiros.

(O Côro afasta-se para a direita. Dioniso e Xântias aproximam-se, pela esquerda, da porta do palácio de Plutão)

460 BACO — Como poderei bater a esta porta? Como? Como procedem os habitantes do país?

XÂNTIAS — Não percas tempo. Bate à porta, concentrando em ti a fisionomia e a coragem de Hércules

BACO (Batendo à porta) — Jovem, jovem!

ÉACO — (105) Quem é?

BACO — Hércules, o forte.

465 ÉACO — Ah!... Infame, atrevido, ordinário, canalha, mais uma vez canalha, canalhíssimo, perseguiu-te nosso cão Cérbero (106), roubaste-o e, degolando-o, com êle fugiste, quando eu era o encarregado da sua guarda! Hoje, porém, caíste em meu poder. Assim o rochedo de coração negro do Estige (107) e o penhasco ensanguentado do Aqueronte (108) embarçam os teus passos. Os cães que rondam o Cocito (109) e Équidna, (110) de cem cabeças, dilacerar-te-ão

105. Éaco, o mais piedoso dos gregos, era, com Minos e Radamanto, um dos juizes do Inferno.

106. Hércules, quando esteve no Hades, raptou Cérbero, cão de três cabeças, que guardava a porta do Inferno.

107. Estige era um rio do Inferno, que, segundo a mitologia, se formava das águas que se precipitavam de um rochedo negro, perdendo-se depois no seio da terra.

108. Também rio do Inferno. Pelo Aqueronte, rio das dôres, segundo uma falsa etimologia, atravessavam as ainias para chegar ao Hades.

109. Cocito, rio dos gemidos, é um afluente do Aqueronte.

110. Équidna era um monstro, metade mulher, metade serpente. Mãe de Cérbero, da Hidra de Lerna, da Quimera, da Esfinge, do Leão de Neméia e do Cão de Gerião, segundo a Teogonia de Hesíodo.

475 as entranhas; a moréia Tartéssia (111) devorará teus pulmões; as Górgonas Titrásias (112) "Que eu irei imediatamente procurar" (113) retalharão teus rins ensanguentados.

XÂNTIAS (A Baco, tremendo de medo) — Eh! O que fizeste?

BACO — Sujei-me todo... Invoca o deus. (114)

480 XÂNTIAS — Ergue-te logo, ó ridículo, antes que um estranho te veja!

BACO — Sinto-me desfalecer: coloca-me uma esponja sobre o coração. (115)

XÂNTIAS — Ei-la, toma, aplica-a. Onde está êle? (Dioniso limpa-se) Ó deuses áureos! Teu coração está aqui?

485 BACO — É que de medo, êle desceu para o baixo-ventre.

XÂNTIAS — És o mais covarde dos deuses e dos homens!

BACO — Eu? Como posso ser covarde se te pedi uma esponja? Um outro qualquer não teria feito tanto.

XÂNTIAS — Como?

490 BACO — Um covarde teria permanecido deitado, cheirando! Eu levantei-me e, mais ainda, limpei-me!

XÂNTIAS — Que façanha, ó Poseidon!

BACO — Eu o creio, por Zeus! Por ventura não ficaste aterrorizado, ouvindo-lhe os gritos e ameaças?

XÂNTIAS — Não, por Zeus, nem me causaram preocupação.

111. A moréia é um peixe voraz. Tartéssia é um termo empregado por Aristófanes, dada a sua semelhança com Tártaro. As moréias Tartéssias (de Tartéssio, região mais ou menos fabulosa da Espanha) eram muito apreciadas como alimento.

112. Acreditava-se que as Górgonas (Medusa, a Górgona própria-dita, Esteno e Eurialéia) habitavam a Líbia. Titrásias, de Titras, região da Ática, é um simples gracejo.

113. Paródia de um verso de Eurípidés, cf. Alceste, 244; Orestes, 45.

114. Paródia da fórmula usada nas libações: "Tudo está derramado. invoca o deus!"

115. Era esta a terapêutica dos que desmaiavam!

495 BACO — Pois bem, já que és resoluto e destemido, faze meu papel: toma esta clava e a pele de leão, se de fato és valente. Eu te servirei de carregador.

XÂNTIAS — Dá-me, então, logo tudo isso. É preciso obedecer. (**Após trocar de indumentária**) Contempla o Xântias **Héracles**: verás se sou covarde ou se tenho o destemor talhado sobre o modelo do teu.

500 BACO — Não, por Zeus! És, sem dúvida, o patife de Mélite. (116). Vamos, eu levo as trouxas.

(**Uma criada sai do Palácio de Plutão**)

CRIADA (**A Xântias-Héracles**) — És tu de volta, querido **Héracles**? Entra aqui. A deusa, quando teve conhecimento do teu retôrno, mandou amassar pão, pôr no fogo dois ou três caldeirões de legumes amassados, assar um boi inteiro, cozinhar tortas e bolos (117). Mas, entra.

XÂNTIAS — Pois não, obrigado.

510 CRIADA — Não, por Apolo, não é necessário dizer que não te deixarei ir embora, quando ela mandou preparar galinhas, aprontar guloseimas e um vinho delicioso. Mas, entra comigo.

XÂNTIAS — Muito obrigado.

515 CRIADA — Gracejas, sem dúvida. Não te abandonarei. Há também à tua disposição, lá dentro, uma flautista muito bonita e duas ou três dançarinas.

XÂNTIAS — O que dizes?! Dançarinas?!

CRIADA — Muito jovens e há pouco depiladas. Vamos, entra, pois o cozinheiro já ia retirar os peixes do fogo e a mesa já estava sendo posta. (118)

520 XÂNTIAS — Vai lá e dize àquelas dançarinas que

116. Em **Mélite**, região da Ática, havia um templo dedicado a **Héracles**. O poeta refere-se aqui a **Cálias**, natural dessa região, que se vestiu à maneira de **Héracles**, para tomar parte na batalha das **Arginusas**.

117. **Perséfone** (Prosérpina), mulher de Plutão, conhecia bem a quirometragem do estômago de **Héracles**.

118. As flautistas e as dançarinas eram figuras obrigatórias nos festins gregos.

já vou entrar, sem que haja necessidade de mais convites! (**Retira-se a criada — A Baco**) Meu jovem, segue-me com as bagagens.

525 BACO — Alto lá! Não achas que, às vezes, estás levando a sério uma brincadeira que eu fiz, disfarçando-te em **Héracles**? Não te faças de engraçado, Xântias, pega de novo as trouxas e leva-as.

XÂNTIAS — O quê? Certamente não estás pensando em tirar-me o que me deste?!

BACO — E não deixarei para daqui a pouco, faço-o agora mesmo: tira essa pele!

XÂNTIAS — Protesto! E tomo os deuses por testemunha!

530 BACO — Como? Os deuses? Não tens, por certo, a idéia insensata e ridícula de pensar que, sendo mortal e escravo, és filho de Alcmena? (119)

XÂNTIAS — Podes estar tranqüilo. Toma tudo isto. Está bem! Talvez um dia, se um deus o quiser, precisares de mim. (**Devolve-lhe a pele de leão, a clava e retoma a bagagem**).

535 CÔRO — Um homem sábio e sensato, marinheiro experimentado, gravita sempre no bombordo, em vez de ficar parado, como imagem pintada (120), sempre na mesma atitude. Voltar-se para o lado mais conveniente é próprio de um homem hábil, de um Terâmenes (121).

119. **Alcmena** era a mãe de **Héracles**.

120. Pintava-se no navio a imagem da deusa ou deus a quem o mesmo estava consagrado. Cf. Horácio *Od.* I, XIV - 14 e 15.

121. Alusão ao infame procedimento do tirano Terâmenes, após a batalha dos Arginusas. Os generais atenienses, depois da vitória, navegaram para Mitilene, a fim de desroçar o restante da armada inimiga, deixando no local Terâmenes com 47 navios, com a missão de recolher os naufragos e os cadáveres. Uma tempestade, porém, impediu ambas as operações: os naufragos pereceram e aos cadáveres não se deu sepultura — o que era um crime abominável aos olhos dos Atenienses. Terâmenes teve, então, a habilidade de fazer que a culpa recaísse sobre os generais que, em consequência, foram condenados: seis deles

BACO — Não seria ridículo que um escravo como Xântias, deitado num tapêto de Mileto, beijasse uma dançarina e a seguir me pedisse o urinol enquanto eu, acariciando o membro, ficaria a contemplá-lo? Vendo isto, ordinário como é, com um sôco êle faria espirrarem os meus dentes da frente.

(Surge uma hospedeira e dá um grito de surpresa)

PRIMEIRA HOSPEDEIRA — Plátane, Plátane (122), vem cá. (Apontando para Baco já disfarçado outra vez em

545 HÉRACLES) Ei-lo, o maroto que um dia penetrou na estalagem e comeu dezesseis dos nossos pães.

SEGUNDA HOSPEDEIRA — Sim, por Zeus. é êle mesmo.

XÂNTIAS (A parte) — Isto vai mal para alguém...

PRIMEIRA HOSPEDEIRA — Sim, e além do mais, comeu muita carne cozida - vinte porções, de meio óbolo cada uma.

555 XÂNTIAS (A parte) — Alguém vai ser castigado...

PRIMEIRA HOSPEDEIRA — E a maior parte do alho.

BACO — Deliras, mulher. Não sabes o que dizes.

PRIMEIRA HOSPEDEIRA — Não esperavas que eu ainda te reconhecesse, porque agora estás de coturno (123). O quê? E aquela enormidade de pescado de que ainda não falei?

560 SEGUNDA HOSPEDEIRA — Não, por Zeus, não falaste do queijo fresco, pobre de mim, que êle devorou com cêsto e tudo!

PRIMEIRA HOSPEDEIRA — Depois, quando reclamei o d'nhheiro, êle lançou-me um olhar feroz e começou a mugir. (124)

que estavam presentes, foram executados! Diga-se, de passagem, que, à época em que se representou a comédia *As Rãs*, Terámenes estava no auge do poder!

122. Nome da segunda hospedeira.

123. Coturno era o calçado próprio de Baco e não de Héracles. Cf. v. 48.

124. Mugir era um hábito de Héracles. Cf. Eurípides, *Héracles*, 870.

XÂNTIAS — Êle faz muito disto: em tôda a parte age sempre assim. (125)

PRIMEIRA HOSPEDEIRA — Chegou mesmo a desembaihar a espada, furioso.

565 SEGUNDA HOSPEDEIRA — Sim, por Zeus, ó infeliz.

PRIMEIRA HOSPEDEIRA — E nós duas, naturalmente, aterrorizadas, de um salto, ganhamos o sôtão, e êle, de um pulo, desapareceu, levando as cestas.

XÂNTIAS — Isto é ainda muito próprio dêle.

PRIMEIRA HOSPEDEIRA — Mas, é preciso agir. Vai, pois, chamar a Cleão, meu amo (126).

570 SEGUNDA HOSPEDEIRA — E tu, chama o meu, Hipérbolo, se o encontrares.

PRIMEIRA HOSPEDEIRA — A fim de podermos esmagá-lo! (A Baco) Comilão ordinário, que prazer teria eu em quebrar com uma pedra êsses molares com que devoraste minhas provisões!

XÂNTIAS (A Baco) — E eu, de lançar-te ao bártro! (127)

575 SEGUNDA HOSPEDEIRA — E eu desejaria cortar com uma foice esta garganta com que enguliste as tripas.

PRIMEIRA HOSPEDEIRA — Bem, vou procurar Cleão, que hoje mesmo esclarecerá tudo isto, (a Baco) levando-te à justiça.

(Retiram-se as hospedeiras)

BACO — Que eu tenha a pior das mortes se não quero bem a Xântias!

580 XÂNTIAS — Eu sei, sei aonde queres chegar. Basta, basta de falar, não me tornaria Héracles novamente.

125. Isto é, come baramente, não paga e ainda ameaça...

126. Na qualidade de estrangeiras, domiciliadas em Atenas, cada uma das hospedeiras tem, obrigatoriamente, um patrão ateniense. Cleão e Hipérbolo, patrões do povo, isto é, demagogos, após a morte, continuam a ter no Inferno o mesmo pôsto. Cleão falecera em 422 e Hipérbolo em 411.

127. Abismo em que se lançavam os condenados, cf. Aristófanes, *As Nuvens*, 1450.

BACO — Não digas isto, meu Xântiazinho!

XÂNTIAS — Como poderia tornar-me filho de Alcmena, eu que sou ao mesmo tempo **escravo e mortal?** (128)

585 BACO — Sei, eu sei que estás zangado e tens razão, mas, embora me batesses, não retrucaria. Se, de agora em diante eu te tomar êste disfarce, quero estar inteiramente perdido, eu, minha mulher, meus filhinhos e... Arquedemo, o remeloso! (129)

XÂNTIAS — Recebo o teu juramento e com esta condição, aceita-o. (130)

590 CÔRO — Agora que novamente vestiste o disfarce que trazias, tens que mostrar-te corajoso, lançar olhares terríveis, a exemplo do deus, cujo papel representas.

595 Se, porém, fôres surpreendido dizendo disparates, ou se deixares escapar alguma palavra pusilânime, serás obrigado a retomar as bagagens.

XÂNTIAS — Não é de todo mau o vosso conselho, meus amigos: acontece, porém, que eu estava exatamente pensando nisto. A verdade é que, se as coisas correrem normalmente, êle procurará tomar-me o disfarce novamente, eu bem sei. Não deixarei, todavia, de mostrar-me destemido e viril, estampando um olhar de **orégão** (131). E, pelo que vejo, vai ser necessário, pois ouço o ranger da porta.

128. Resposta ao verso 531.

129. O medo cega **Dioniso**. A fórmula de impreciação contra si mesmo, sua esposa e filhos é daquelas que muito se ouviam no teatro: o termo "prórridzos", inteiramente, pertence ao alto estilo trágico, cf. Sófocles, **Electra**, 765; Eurípidés, **Hipólito**, 684. É curioso notar-se como Baco, deus celibatário, fala em **mulher e filhos**... o que vem reforçar ainda mais a falsidade da impreciação, pois que imediatamente lhe acrescenta, sem nenhuma lógica, **Arquedemo, o remeloso**. Com referência a **Arquedemo**, cf. v. 417.

130. O que move Xântias a aceitar o juramento de Baco é exatamente o apêndice da impreciação: **Arquedemo, o remeloso**, o que mostra o quanto era odiado o tal **remeloso**.

131. Planta de aroma extremamente ativo.

(Entra Éaco com dois escravos)

505 ÉACO — Amarrai imediatamente êste ladrão de cães, para que seja castigado. Vamos, depressa.

BACO (**A parte**) — Isto vai mal para alguém.

XÂNTIAS — Aos Corvos! (132) (**Erguendo a clava**) Não vos aproximeis!

ÉACO — Ah! Queres ainda lutar? (**Chamando**) Dítilas, Esquéblias, Párdocas, avançaí e lutai com êle! (133)

(**Correm os arqueiros e arrancam a clava de Xântias**)

610 BACO — Não é uma indignidade ferir os outros e além do mais roubar os bens alheios?

ÉACO — Não fales, é prodigioso.

BACO — É espantoso certamente e terrível.

615 XÂNTIAS — Verdadeiramente, por Zeus, quero morrer, se algum dia estive aqui ou se te furtei o valor de um fio de cabelo. Desejo, outrossim, dar-te uma prova de generosidade: prende êste meu escravo, suplicia-o e, se porventura me achares culpado, mata-me. (134)

ÉACO — E como o supliciarei?

620 XÂNTIAS — De todos os modos: ata-o a uma escada, suspende-o, dá-lhe chicotadas, esfolá-o, torce-lhe os membros, podes ainda derramar-lhe vinagre nas abaxos, carregá-lo de tijolos, etc, etc. Procura apenas não espancá-lo com cebola nova ou alho.

ÉACO — O que dizes é justo. E se me acontecer estropiar um pouco teu escravo, durante o suplício, depositarei a indenização (135).

132. Cf. v. 187 e nota.

133. Nomes de "arqueiros bárbaros", talvez da Trácia.

134. Os escravos não podiam depor, mas os acusados entregavam-nos constantemente para serem supliciados, com a finalidade de revelarem ou não a inocência do seu senhor.

135. O que supliciava um escravo alheio, depositava certa quantia para indenizar o proprietário do paciente, caso êste ficasse muito estropiado ou viesse a morrer.

- 625 XÂNTIAS — Não há necessidade. Leva-o incondicionalmente e submete-o à tortura.
- ÉACO — É melhor aqui mesmo para que fale em tua presença. (**A Baco**) Larga logo essas trouxas e trata de não mentir.
- BACO — Proíbo que me submetam a torturas: eu sou imortal. Do contrário, sofrerás as conseqüências.
- 630 ÉACO — Que queres dizer?
- BACO — Quero dizer que sou imortal, **Dioniso**, filho de Zeus e que êste (**aponta para Xântias**) é um escravo:
- ÉACO (**A Xântias**) — Estás ouvindo?
- XÂNTIAS — Estou. E por isso mesmo é preciso açoitá-lo ainda com ma's fôrça. Se é deus, não sentirá os golpes.
- 635 BACO (**A Xântias**) — Por que então, já que pretendes ser deus, não estás disposto a levar tantas chicotadas quantas eu?
- XÂNTIAS — É justo o que êle está dizendo. Aquêle a quem vires chorar primeiro ou incomodar-se com os golpes, podes crer, êsse não é deus.
- 640 ÉACO (**A Xântias**) — Nada há a dizer. És valente, não foges ao que é justo. Despi-vos pois.
- XÂNTIAS — Como é que nos castigarás com imparcialidade?
- ÉACO — Fácilmente. Cada qual receberá os golpes alternadamente.
- XÂNTIAS — Dizes bem (**Oferecendo-se às chicotadas**) Eis-me. (**Éaco dá-lhe uma chicotada**). Presta bem atenção, se me vês mexer.
- 645 ÉACO — Já te ferir?
- XÂNTIAS — Não, por Zeus, em parte alguma, nem parece.
- ÉACO — Passemos a êste e chicoteemos (**Fere Dioniso com o chicote**)
- BACO — Quando?
- ÉACO — Acabei de bater em ti.
- BACO — Como, se nem espirrei?

- ÉACO — Não sei. Vou tentar novamente com êste (**Chicoteia Xântias**)
- XÂNTIAS — Vamos, avia-te (**Nova chicotada**) Épa! Ai! Ai!
- 650 ÉACO — Por que êsse Épa! Ai! Ai!? Estás sentindo algo?
- XÂNTIAS — Não, por Zeus, eu estava perguntando-me, quando se realizariam as festas de **Héracles** nas **Díoméias** (136).
- ÉACO — Que homem piedoso! Voltemos novamente ao outro (**Chicoteia Baco**)
- BACO — Oh! Oh!
- ÉACO — Que há?
- BACO — Estou vendo cavaleiros.
- ÉACO — Então, por que choras?
- BACO — Sinto um cheiro de cebola.
- 655 ÉACO — De nada te preocupas?
- BACO — De nada. Isto é-me indiferente.
- ÉACO — É preciso voltar ao outro novamente. (**Açoita Xântias**)
- XÂNTIAS — Ai!
- ÉACO — Que foi?
- XÂNTIAS — Um espinho! (**Levantando o pé**) Retira o.
- ÉACO — Que significa isto? Vamos ao outro (**Bate em Baco**)
- BACO (**Gritando**) — Apolo! (**Aparentando tranqüilidade**)
... Tu que possuis tôdas as partes, Delos ou Pito.
- 660 XÂNTIAS — Êle sentiu. Não ouviste?
- BACO — É um iambo de **Hipônax** (137), de que me lembrei.
- XÂNTIAS — Assim nada consegues. Bate-lhe nos flancos.

136. Festas que se celebravam de 5 em 5 anos, em honra de **Héracles**, em **Díoméia**, perto de Atenas. A guerra interrompeu-as durante algum tempo e Xântias. **Héracles** "está preocupado" com a próxima realização.

137. O verso não é de **Hipônax**, mas do seu contemporâneo **Anânio**. O êrro, talvez, se deva à perturbação de Baco. **Hipônax** foi poeta iâmbico de **Efeso**.

ÉACO — Não, por Zeus. (A Bacô) Vamos, agora apresenta o ventre (bate)

BACO — Poseidon!

XÂNTIAS — Alguém se lamenta.

665 BACO (Tranqüilo) — ... **Que reinas, todo poderoso, no cabo Egeu ou nos báratros profundos do cerúleo pego.** (138)

ÉACO — Não, por Deméter, não posso concluir qual de vós seja deus. Entrai. Plutão e Perséfone, uma vez que ambos são deuses, chegarão a reconhecer-vos.

BACO — Tens tôda a razão. Teria preferido, entretanto, tivesses resolvido isso antes de açoitar-me.

(Entram)

675 CÔRO — Musa, apossa-te dos coros sagrados, e vem dar sedução ao meu cantar. Vem contemplar esta multidão onde pontificam milhares de talentos mais honrados do que Cleofonte (139), sobre cujos lábios tagarelas gorjeia estranhamente uma andorinha trácia como que pousada numa pétala bárbara, sussurrando um triste queixume de rouxinol, porque ele estará perdido, embora haja empate nos sufrágios (140).

685 CORIFEU — É justo que o côro sagrado se torne útil à cidade, com seus conselhos e ensinamentos. Fazemos votos, primeiramente, que se restabeleça a igualdade dos cidadãos e se afastem os motivos de temor. Se alguém errou, iludido pelas manobras de Frínico, (141) acho que se deva conceder aos que se enganaram, após serem absolvidos, o perdão a seus erros do passado. Acho também que cidadão algum deva ser privado dos seus direitos. É vergonhoso, sem dúvida, que alguns,

138. Sófocles, **Laocoonte** (Fragmento.)

139. Demagogo de Atenas, de origem trácia, por parte de mãe, estava sendo processado por usurpação de cidadania. Foi condenado e executado um ano depois.

140. Quando havia empate nos sufrágios o acusado era absolvido.

141. Frínico tentou restabelecer o governo oligárquico dos **Quatro-cenios** (veja-se a Introdução), que acabava de ser deposto.

695 por terem participado de um só combate naval, sejam imediatamente equiparados aos Plateenses (142) e, de escravos, se tornem senhores — não que eu negue ser isto um bem; aprova-o, pelo contrário, e julgo que é a única, a verdadeira coisa sensata que fizestes — mas acho igualmente justo que aquêles que, tantas vêzes, tanto êles, como seus pais, lutaram convosco no mar e convosco estão unidos pelos laços do sangue, merecem lhes perdoeis essa única falta e lhes atendais às súplicas. Vamos, aplacai a vossa cólera, vós que sois naturalmente sábios. De todos os homens façamos, de bom grado, uma família, com os mesmos direitos; façamo-los nossos concidadãos, se conosco tomaram parte em combates navais. Se a êste respeito nos mostrarmos arrogantes e altivos, sobretudo agora, quando a nossa cidade está “à mercê das ondas” (143), no futuro passaremos por insensatos.

700 CÔRO — Se conheço bem a vida e o caráter de um homem, que dentro em breve há de gemer, êste macaco que hoje nos causa incômodo, o pequeno Clígenes (144) — o mais ordinário banheiro (145) de quantos dominam uma lixívia de soda falsificada com a mistura de cinzas e que reinam na terra de Cimolo (146) — não viverá muito mais entre nós. Percebendo isto, não vive em paz, an-

142. Os escravos que haviam tomado parte na batalha das **Arginusas**, receberam o direito de cidade, como anteriormente acontecera aos Plateenses, fiéis aliados de Atenas, nas **Guerras Médicas**.

143. Expressão tomada de **Arquíloco**, segundo o Escoliasta.

144. Banheiro aqui está no sentido de “aquêles que prepara os banhos e ajuda alguém a tomá-los.”

145. **Clígenes** — personagem desconhecido. Pelo texto parece ser um dos partidários de Cleofonte e portanto **inimigo da paz**. Um homem vulgar, falsificador de banhos.

146. **Cimolo**, uma das Cícladas, produtora de uma pedra calcária rica em soda.

dando sempre armado com um bordão, com receio de que, se um dia fôr encontrado bêbado, se lhe arranquem as vestes.

- 720 CORIFEU — Muitas vêzes nos pareceu que nossa cidade trata os bons e os maus cidadãos como as moedas antigas e o ouro novo. As moedas antigas, não falsificadas e reconhecidamente as melhores, bem cunhadas e soantes, correntes em tôdas as partes entre gregos e bárbaros, delas nenhum caso fazemos, mas empregamos essas detestáveis moedas de cobre, cunhadas ontem e ante-ontem e pèssimamente cunhadas. O mesmo acontece com os cidadãos: os que sabemos nobres, sábios, justos, bons, honestos, hábeis na “palestra”, nos coros, na música, a êstes nós vilipendiamos, e fazemos uso, para todos os fins das moedas de cobre, dos estrangeiros, ruivos (147), indigentes, nascidos de indigentes, adventícios da última hora, os quais a cidade não teria outrora acolhido fàcilmente, sem reflexão, nem mesmo como vítimas expiatórias. Mas, no dia de hoje, ó insensatos, modificai o vosso modo de proceder, fazei novamente uso dos bons servidores. Se fôrdes bem sucedidos, sereis elogiados; mas, se houver equívoco na escolha, pelo menos nada tereis de que vos arrepender, (148) embora, no entender dos sábios, devêsseis sofrer um castigo.

(Xântias sai do palácio de Plutão acompanhado de um escravo dêste)

- ES CRAVO — Por Zeus Salvador, teu amo é um homem generoso.
- 740 XÂNTIAS — Como não seria generoso, êle que sòmente sabe beber e amar?

147. Cleofonte?

148. Isto é, à letra: pelo menos vosso malôgro será de boa madeira. O provérbio latino *vel strangulari pulchro de ligno iuvat*, tem o mesmo sentido.

ES CRAVO — Dizer que êle não te espancou, após te haver convencido (149) plenamente de que és um escravo, quando pretendias ser o amo!

XÂNTIAS — Êle, sem dúvida, arrependeu-se.

ES CRAVO — O que fizeste é próprio de um bom escravo, também gosto de agir assim.

745 XÂNTIAS — Gostas? Eu te suplico!

ES CRAVO — Gostar? Não. Parece-me estar no paraíso dos Iniciados, quando, às ocultas, maldigo o meu senhor.

XÂNTIAS — E quando, a resmungar, saís porta afora, depois de receber uma chuva de pancadas?

ES CRAVO — Ainda assim fico satisfeito.

XÂNTIAS — E quando fazes confusões?

ES CRAVO — Por Zeus, nada conheço que seja mais agradável!

750 XÂNTIAS — Zeus, protetor da minha raça! E quando ouves, às escondidas, a conversa dos teus senhores?

ES CRAVO — Não fales. Fico louco de alegria.

XÂNTIAS — E quando contas aos vizinhos o que ouviste?

ES CRAVO — Eu?! Não, por Zeus, quando o faço, ejaculo de prazer.

755 XÂNTIAS — Ó Febo Apolo, dá-me a tua mão, (150) deixa-me abraçar-te e abraça-me também... e, em nome de Zeus, que nos protege a nós, colegas nas chicotadas, explica-me o que significam êstes gritos, êste alarido de altercação que se ouve lá dentro?

ES CRAVO — É Êsquilo e Eurípides.

XÂNTIAS — Ah!

760 ES CRAVO — Uma contenda, uma grande contenda está em ebulição entre os mortos. É uma sedição verdadeiramente séria.

XÂNTIAS — Por que motivo?

149. Lá dentro, diante de Plutão e Deméter, cf. v. 670.

150. Maneira solene de jurar amizade, invocando o nome de um deus.

ES CRAVO — Há uma certa norma aqui estabelecida, relativamente a tôdas as nobres profissões intelectuais, segundo a qual aquêlê que sobrepujar a seus êmulos, terá o direito de alimentar-se no Pritaneu (151) e receber um trono ao lado do de Plutão. . .

XÂNTIAS — Compreendo.

ES CRAVO — Até que apareça um outro mais hábil na mesma arte e então o primeiro cede o lugar.

XÂNTIAS — Em que pode isto afetar a Êsquilo?

770 ES CRAVO — Era êle quem ocupava o trono da tragédia, como príncipe do gênero.

XÂNTIAS — E agora, quem o está ocupando?

ES CRAVO — Eurípides, logo que aqui chëgou, exhibiu-se diante dos ladrões de capote, dos mais astutos larápios, dos parricidas e dos arrombadores de muros, dos quais há grande profusão no Hades. . . Eles, ouvindo-lhe as sutilezas, (152) os artificios e os torneios, (153) apaixonaram-se loucamente por seus versos e julgaram-no o mais hábil. (154) Então, exaltado, Eurípides apossou-se do trono que Êsquilo ocupava.

XÂNTIAS — E não foi apedrejado?

730 ES CRAVO — Não, por Zeus; a multidão, porém, aos gritos, exigia um julgamento em regra, para decidir qual dos dois era o mais capaz na sua arte.

XÂNTIAS — Aquela multidão de patifes?

ES CRAVO — Sim, por Zeus, e com que berros! Chegavam até o céu!

151. As leis e costumes nos Infernos são os mesmos de Atenas: alimentar-se no **Pritaneu**, às expensas do Estado, e ter sempre um lugar de honra eram o prêmio dos que prestavam serviços de relevância à Pátria.

152. Isto é, suas discussões sofisticadas, mais sutis que morais.

153. Têrmos tomados de empréstimo à "palestra" e à dança.

154. Cf. a resposta do oráculo a Querofonte "Sábio é Sófocles, mais sábio é Eurípides, o mais sábio, porém, de todos os homens é Sócrates.

XÂNTIAS — Êsquilo não tinha também os seus admiradores?

ES CRAVO — Poucas são as pessoas de bem, (**apontando para os espectadores**) como aqui.

XÂNTIAS — E Plutão, que pensa fazer?

785 ES CRAVO — Instituir imediatamente um concurso, um julgamento, uma prova do talento de cada um.

XÂNTIAS — E como se explica que Sófocles não tenha também reclamado o trono?

ES CRAVO — Não, por Zeus, não o reclamou. Logo que cheguei aqui, abraçou a Êsquilo, estendeu-lhe a mão, dando-lhe pacificamente o direito ao trono. E agora, como disse Clidêmides, (155) está prestes a tornar-se "campeão da reserva": se vencer Êsquilo, permanecerá em seu pôsto; se não, pretende disputar o trono com Eurípides.

795 XÂNTIAS — E vai haver a disputa?

ES CRAVO — Sim, por Zeus, daqui a pouco. Travar-se-á aqui mesmo a dura contenda. A poesia vai ser pesada numa balança. . .

XÂNTIAS — O quê? Pesar-se-á a tragédia, como as vítimas nas Apatúrias (156)?

800 ES CRAVO — Trarão régua, esquadros para medir os versos, fôrmas quadriláteras. . .

XÂNTIAS — Para fazer tijolos?

ES CRAVO — . . . cunhas, régua para traçar diâmetros, porque Eurípides pretende examinar verso por verso.

XÂNTIAS — Sinceramente penso que Êsquilo deve estar muito irritado.

ES CRAVO — O fato é que lançava uns olhares furiosos e baixava a cabeça.

805 XÂNTIAS — E quem será o juiz?

155. Personagem desconhecida.

156. Isto é, furtar no pêso, como se fazia com as vítimas apresentadas, nas Apatúrias, pelos jovens, no dia em que eram admitidos nas frátrias. Com referência às **Apatúrias**, cf. v. 418 e nota.

ESCRAVO — Isto estava muito difícil. Ambos chegaram à conclusão de que há falta de críticos competentes. Além do mais Ésquilo não se dava bem com os Atenenses...

XÂNTIAS — Talvez porque visse entre eles muitos arrombadores de muros.

810 ESCRAVO — E todos os demais êle os julgava nullos na apreciação do talento dos poetas. Finalmente confiaram o assunto a teu amo, uma vez que é êle conhecedor da arte. Mas, entremos; pois quando os amos estão atarefados, pancadas nos aguardam.

815 CÔRO — Certamente uma cólera violenta se apossará do coração do poeta de voz tonante, quando vir a seu lado o émulo de língua pontiaguda, aguçando os dentes: então lançará olhares flamejantes sob o impacto de violenta iracúndia (157). Ouvir-se-ão discursos aparatosos em meio ao estampido dos capacetes, em luta com arrojadas sutilezas, quando o engenhoso artífice se defender das palavras alcandoradas do poeta inventor. Eriçando o penacho natural, a vasta cabeleira que lhe cobre o pescoço, franzindo ameaçadoramente as sobranceiras, rugindo, proferirá palavras compactas, arrancando-as, 820 quais pranchas de navio, de seu estro gigantesco. De outro lado uma língua afiada, ágil, esquadrihadora de versos, esticando-se, mordendo o freio da inveja, dissecando as palavras, destruirá com sofismas a faina ingente de uma inspiração.

(Entram em cena Eurípides, Baco e Ésquilo)

157. O côro vai nos dar, em termos poéticos e arrojados, à maneira esquiliana, as características dos dois rivais: de um lado, Ésquilo, naturalmente o preferido, "o poeta todo-poderoso", de "voz tonante" (epíteto de Zeus, cf. *Iliad.* I, 534), "o poeta inventor"; de outro lado, Eurípides, "o invejoso", de "língua pontiaguda", "dissecador de palavras", "artífice de sutilezas"...

830 EURÍPIDES (A Baco) — Não, não abrirei mão do trono! Não me venhas com admoestações, acho que sou superior a Ésquilo na tragédia.

BACO — Ésquilo, por que te calas? (158) Compreendes bem o que êle disse.

EURÍPIDES — Primeiramente tomará um aspecto grave, como sempre o fazia nas suas tragédias, com o fito de impressionar!

835 BACO — Com a breca! Não sejas tão presunçoso!

EURÍPIDES — Conheço-o e venho analisando-o de há muito, êsse criador de caracteres ferozes. Conheço sua linguagem altiva, desenfreada, pródiga, enfática, um falastro, um arquiteto de palavras sonoras.

840 ÉSKUÍLO

Verdadeiramente, ó filha da deusa... agreste! (159)

és tu que me trata assim, colecionador de asneiras, fabricante de mendigos, remendão de andrajos! Arrepende-te-ás, porém, de usar semelhante linguagem.

BACO — Basta, Ésquilo!

Não te deixes arrastar, inflamado pela cólera. (160)

845 ÉSKUÍLO — Não antes de mostrar até a evidência o que vale êsse insolente, êsse fabricante de coxos! (161)

BACO — Um cordeiro, um cordeiro negro (162), meninos! Ide buscá-lo, por que está prestes a desencadear-se um furacão.

158. O silêncio de Ésquilo assemelha-se ao de algumas de suas tragédias: *Níobe*, *Aquiles*, *Prometeu*... O poeta visava com isto a um maior efeito dramático.

159. Paródia de um verso de Eurípides, com substituição da palavra "marinha" por "agreste".

160. Imitação do estilo de Eurípides, cf. *Ciclope*, 424; *Electra*, 401.

161. *Télefo*, *Filoctetes* e *Belerofonte*; cf. Aristófanes, *Acarn.*, 411 sq.

162. Aos deuses infernais imolavam-se vítimas negras,

- 850 ÉSQUILO — Ó colecionador de monodias cretenses (163) e introdutor, em tua arte, de sacrílegos himeneus (164)...
- BACO — Modera-te, veneradíssimo Ésquilo. E tu, meu pobre Eurípides, foge a esta saraivada. Retira-te para longe, se és prudente, a fim de que êle não te acerte a frente com uma palavra capital de cólcra e faça esgui-char daí o teu... Télefo. (165) Vamos, Ésquilo, não te irrites, mas refuta com moderação e consente em séres refutado. Não convém que poetas, mutuamente, se injuriem, como vendedoras de pão. Tu, como o chaparreiro, logo chamuscas e estouras.
- 860 EURÍPIDES — Estou disposto e não retrocedo; estou disposto a morder, a ser mordido primeiro (166), se isto lhe agrada, com relação ao diálogo e às partes líricas, que são o nervo da tragédia; sim, por Zeus, com respeito a Peleu, Éolo, Meleagro e mais ainda, com relação a
- 865 Télefo! (167).
- BACO — E tu, Ésquilo, o que pensas fazer? Fala.
- ÉSQUILO — Não quisera discutir aqui, porque entre nós nós dois a luta é desigual.
- BACO — Por quê?
- ÉSQUILO — Porque minha poesia não morreu comigo (168) e a de Eurípides morreu com êle; êle não terá, portanto,
- 870 o que recitar. Mas, se assim o desejas, mister é fazê-lo.

163. As monodias eram cantos que acompanhavam uma pantomima de origem cretense, executada por dançarinas, cf. *Orestes*, 982, 1362 sq.

164. No *Éolo* de Eurípides, um irmão viola a própria irmã.

165. Tragédia de Eurípides.

166. Como nas alectoromaquias, (luta de galos), cf. *Caval.*, 496.

167. Títulos de peças de Eurípides. O pomo da discórdia, porém, era Télefo. Quando se desejava ridicularizar *Eurípides*, partia-se desta peça, cf. *Acarn.* passim.

168. Por um decreto ficou estabelecido que as tragédias de Ésquilo seriam representadas, mesmo após a sua morte.

- BACO — Vamos, tragam-me incenso e fogo. Vou orar antes de ouvir vossos hábeis discursos, a fim de que possa gostosamente julgar essa contenda. (*Ao Côro*) Vós, acompanhai-me, entoando um hino às Musas.
- 875 CÔRO — Vós, ó nove virgens, filhas de Zeus, castas Musas, que, do alto, contemplais os espíritos sutis e engenhosos dos poetas, forjadores de sentenças, quando se põem a discutir e com passos estudados e sinuosos se agridem
- 880 com palavras, vinde apreciar a fôrça dessas bôcas tão hábeis em fornecer-lhes grandiloquas palavras e fragmentos de versos. Vai travar-se agora uma renhida batalha de talentos.
- 885 BACO (*A Ésquilo e Eurípides*) — Orai também, antes de recitar vossos versos.
- ÉSQUILO — Ó Deméter, (169) tu, que educaste meu espírito, faze que eu seja digno de teus mistérios.
- BACO (*A Eurípides*) — Toma e oferece também o incenso.
- EURÍPIDES — Obrigado. Outros são os deuses (170) a quem dirijo minhas preces.
- 890 BACO — Deuses particulares teus, recém-cunhados?
- EURÍPIDES — Absolutamente.
- BACO — Vamos, invoca então teus deuses particulares.
- EURÍPIDES — Ó Éter, (171) meu alimento, sustentáculo da língua; ó Compreensão (172), finíssimo olfato, fazei com que eu refute, à altura, os argumentos do meu adversário.

169. Ésquilo nasceu e educou-se em *Elêusis*.

170. Aristóphanes acusa formalmente Eurípides de ateísmo: cf. *Tesmofór.*, 451. "Ele (Eurípides) persuadiu aos homens que os deuses não existem." De fato, os deuses que Eurípides tem continuamente nos lábios são o *Éter*, e o "*Ar*", cf. *Acarn.*, 398.

171. Cf. *Nuvens*, 264 sq., 423 sq., 627, em que *Sócrates* invoca também seus deuses particulares: *Ar*, *Éter*, *Caos*, *Língua*...

172. *Compreensão* é uma entidade invocada a todo instante por Eurípides, cf. *Hipól.*, 1605; *Troian.*, 669; *Suplicant.*, 203, etc. etc.

895 CÔRO — Também nós estamos ansiosos por saber de vós,
hábeis poetas, em que assentareis a vossa discussão. Vos-
900 sa língua é ferina, vosso peito não carece de audácia, nem
vossa inteligência de presença de espírito. De um de-
vemos esperar sentenças espirituosas e bem limadas;
o outro, arrancando os termos com as raízes, arrastará
e dispersará rolos de palavras.

905 CORIFEU — Vamos, é preciso começar logo a falar. Pro-
curai, todavia, exprimir-vos num estilo elevado; nada de
figuras nem dessas vulgaridades que um outro qualquer
poderia usar.

EURÍPIDES — Pois bem, acêrca de mim e do meu valor
poético, desejo discorrer em último lugar. Demonstra-
rei, antes de mais nada, que êste homem é um charla-
910 tão e um embusteiro; mostrarei com que artificios
zombava de espectadores néscios, educados na escola de
Frínico. (173) Primeiramente fazia sentar-se uma perso-
nagem qualquer, uma só, Aquiles ou Níobe, com o ro-
sto velado, verdadeiros figurantes de tragédia, que nem
baixinho falavam.

BACO — Não, por Zeus, certamente não!

EURÍPIDES — O Côro dava a réplica em quatro séries inin-
915 terruptas de cantos e êles, calados!

BACO — Eu preferia um tal silêncio. Agradava-me muito
mais que os hodiernos falastrões.

EURÍPIDES — É que tu és um mentecapto, fica-o sabendo.

BACO — De acôrdo. Mas por que sômente êle agia assim?

EURÍPIDES — Por charlatanismo; assim, o espectador, sem
920 mover-se, ficava aguardando que sua Níobe dissesse
algo. E o drama continuava.

BACO — Que patife! Fui então enganado por êle? (A Ésqui-
lo) Por que essas contorções e gestos de impaciência?

173. As tragédias de Frínico (500 a. C.) quase exclusivamente líri-
cas, com um só ator, careciam muito de ação.

EURÍPIDES — Porque o confundo; após aquelas tolices,
quando a tragédia já estava no meio, êle proferia uma
925 dúzia de palavras balofas como bois, altivas, empena-
chadas, uma espécie de monstros estranhos, termos to-
dos desconhecidos dos espectadores.

ÉSQUILO — Pobre de mim!

BACO — Silêncio!

EURÍPIDES — Palavra inteligível, nem uma...

BACO (A Ésquilo) — Pára de ranger os dentes!

EURÍPIDES — ... pois eram **Escamandros, seccionados,**
sôbre os escudos águias - grifos esculpido em bronze,
e outras palavras enfáticas, difíceis de se compreen-
derem.

930 BACO — É mesmo, pelos deuses! Assim eu, **durante um**
longo espaço de tempo, permaneci com insônia (174),
pensando em seu **castanho cavalo-galo** (175), e procuran-
do concluir que ave seria.

ÉSQUILO — Era um emblema, ignorantão, gravado em
navios.

935 BACO — E eu o tomava por Erixis (176), filho de Filóxeno!

EURÍPIDES — E qual a necessidade de representar-se um
galo nas tragédias?

ÉSQUILO — E tu, odiado dos deuses, o que representavas?

EURÍPIDES — Por Zeus, eu não pus em cena **cavalos-galos,**
nem mesmo, como tu, **bodes-veados,** que se vêem dese-
nhados nos tapêtes persas.

940 Mas logo que de ti recebi a tragédia, entumecida de
termos empolados e de vocábulos pesados, antes de
mais nada, fi-la perder o gravoso, aligeirando a com
versozinhos, digressões... e acelgas brancas, dando-lhe

174. Paródia de um verso de Eurípides, cf. **Hipól.**, 375.

175. Esta palavra servia para designar um emblema de navios em
Os Mirmidões de Ésquilo, cf. **Paz**, 317.

176. Personagem desconhecida, famosa por sua fealdade, segundo
o Escoliasta.

um cozimento de tolices que eu ia extraindo dos livros. Soergui-a depois com monodias, misturando-lhe algo de Cefisofonte (177).

945 Eu jamais dizia tolices ao acaso, nem mesmo confundia as coisas em cena, baralhando tudo, pois a minha primeira personagem, saindo dos bastidores, expunha logo o argumento da peça. (178).

BACO (À parte) — Era melhor mesmo, por Zeus, expor a origem da peça do que a tua. (179).

950 EURÍPIDES — Em seguida, desde os primeiros versos ninguém ficava inativo; eu fazia falarem a mulher e o escravo mais ainda, o amo, a môça e a velha, se fôsse o caso.

ÊSQUILO — E não merecias a morte por um tal atrevimento?

EURÍPIDES — Não, por Apolo, estava agindo democráticamente.

BACO (Em voz baixa a Eurípides) — Não toques nisso, meu caro: uma digressão nesse sentido não te seria muito vantajosa!

EURÍPIDES — Logo depois ensinei a êstes (mostra os espectadores) a arte de tagarelar...

955 ÊSQUILO — Estou de acôrdo. Mas, por que não te arreben-taste antes?

EURÍPIDES — ...o manejo de regras delicadas, ensinei-lhes a medir o verso com o esquadro, a refletir, observar, compreender, amar a versatilidade, urdir, suspeitar, pensar em tudo...

ÊSQUILO — De acôrdo...

EURÍPIDES — ... introduzindo no teatro cenas da vida

177. Amigo e, ao que diziam, colaborador de Eurípides.

178. Esta é uma das características de Eurípides: apresenta logo no início da tragédia uma personagem que explica a contextura do drama: cf. *Hécuba, As Suplicantes, Orestes, Hércules, As Bacantes*, etc., etc...

179. Alusão à origem humilde do poeta.

960 doméstica, coisas que nos são usuais e familiares e nelas fundamentava a minha crítica; dêsse modo os espectadores, a par dos fatos, podiam fiscalizar a minha arte! (180) Não usava, porém, um estilo arrojado, extirpando nos espectadores o bom senso, nem os estupeficcava com a criação de **Cicnos** e **Mêmnon**s, guiando corcéis com arreios de chocalhos. Direi quais são os teus e os meus discípulos; os teus: **Formísio** e **Megêneto**, o **Manes**, tocadores de trombetas, armados de lanças, bigodudos, diabólicos arqueadores de pinheiros (181); os meus: **Citofonte** e o elegante **Terâmenes** (182).

965 BACO — Terâmenes? Um astuto e que se acomoda a tudo. Quando cai em alguma desgraça, ei-lo fora de perigo, metamorfoseado em homem, não de **Quios**, mas de... **Céos**. (183)

180. Esta é uma das grandes distinções entre Eurípides e Êsquilo: neste a tragédia é *olímpica*, naquele é *doméstica*.

181. Expressão designativa da imagem horripilante de Sinis, que, segundo a lenda, esartejava os estrangeiros, prendendo-lhes as pernas em dois pinheiros arqueados que eram bruscamente soltos. **Formísio** e **Megêneto**, por seu aspecto feroz, relembram aquela personagem mitológica.

182. Eurípides reprova em Êsquilo o emprêgo de um maravilhoso estapafúrdio com personagens fantásticas e um estilo empolado, enquanto êle pôs em cena assuntos domésticos, com personagens que usam de uma linguagem simples, quotidiana. **Cicno**, filho de Poseidon (Netuno), foi assassinado por Aquiles; **Mêmnon**, filho de Aurora, foi assassinado pelo mesmo Aquiles e era o título de uma peça de Êsquilo. **Formísio** e **Megêneto**, seus discípulos, eram dois imbecis: o primeiro desempenhou um certo papel político, como demagogo, e o segundo é desconhecido; o denominativo **Manes**, nome de escravo, significa também um lance de azar no jôgo de dados. A discípulos tão grosseiros Eurípides opõe os seus: **Citofonte**, jovem aristocrático, amigo do sofista Trasímaco, e **Terâmenes**, o astuto.

183. No jôgo de dados denominava-se **Quios** um lance de azar e **Coos**, um lance de sorte. "Quios" significa outrossim "que é de Quios" e "Coos", "que é de Cós"; por gracejo ou trocadilho, Aristófanês substituiu "Coos" por "**Ceios**", "que é de Céos", ilha onde nasceu Terâmenes.

- EURÍPIDES — Fui eu, portanto, quem lhes inculcou (**apontando para os espectadores**) tais sentimentos, com o
 975 introduzir na arte o exame e o raciocínio, de modo que para o futuro tôdas as coisas se poderão compreender e penetrar melhor e principalmente os assuntos domésticos serão mais bem administrados que dantes: “Como vai tal negócio? Dize-me onde se encontra tal coisa? Quem tirou isto?”
- 990 BACO — Sim, pelos deuses. Hoje em dia, todo ateniense, entrando em casa, chama pelos servos e informa-se: “Onde está a panela?”
- 985 Quem devorou a cabeça da enchova? Meu prato do ano passado não existe mais! Onde está o alho de ontem?
- 990 Quem consumiu com a azeitona?” Até então, estúpidos, permaneciam de boca aberta, quais uns patetas e imbecis, sem reclamar!
- CÓRO — “Tu o vês, ínclito Aquiles?” (184) E que vais agora responder? Cuida somente que não te arraste a raiva e leve além das oliveiras. (185) Ele, em verdade, fêz-te violentas acusações. Nobre Êsquilo, procura não responder à base da cólera; ferra as velas e usa tão somente os bordos, depois vai afrouxando a pouco e pouco e aguarda o momento em que há de vir em teu socorro uma brisa suave e constante.
- CORIFEU — Vamos, fôste o primeiro dos gregos a criar vocábulo majestosos como tôrres, elevando o estilo trágico; vamos, solta as rédeas à fonte da tua ousadia.
- 1005 ÊSQUILO — Indignado estou com êste encontro. Fervem minhas entranhas, só em pensar que tenho de retorquir a êste homem. Mas, para que êle não venha a dizer que me engasguei, (**A Eurípidés**) responde-me: sob que aspecto se deve admirar um poeta?

184. Início de “Os Mirmidões” de Êsquilo.

185. Isto é, domina-te, para não desperdiçares argumentos. O limite da pista de corrida, em Atenas, era demarcado por uma fileira de oliveiras, cf. Platão, *Crátilo*, 414 b.

- 1010 EURÍPIDES — Por sua inteligência e admoestações, porque nossa missão é tornar os cidadãos melhores.
- ÊSQUILO — Se não fizeste isto, mas se de honestos e generosos que eram, tu os tornaste corruptos, que castigo, dize-o, que castigo terias merecido?
- BACO — A morte. Não é a Eurípidés que se deve fazer semelhante pergunta.
- ÊSQUILO — Vê bem que homens recebeu êle de mim no
 1015 início: homens valentes, de elevada estatura e não cidadãos que se furtam ao cumprimento do dever, os ociosos das praças públicas, os embusteiros, como se vêem hoje, nem os intrigantes, senão os apaixonados pelas lanças, pelos capacetes de penachos brancos, elmos, grevas — corações revestidos de sete peles de boi. (186)
- EURÍPIDES — Bem, eis que vem aí o flagelo: acabará por esmagar-me com êsses capacetes!
- 1020 BACO — E como os conseguíste fazer assim tão valentes? Responde, Êsquilo, e não te deixes arrastar por um furor tão arrogante.
- ÊSQUILO — Compus um drama cheio de Ares. (187)
- BACO — Qual?
- ÊSQUILO — **Os Sete contra Tebas**. Todos os homens que assistiram a êle, arderam em bélico furor.
- BACO — Nisto obraste mal. Apresentaste os Tebanos como mais bravos na luta. Em castigo, recebe lá umas chicotadas (**Ameaça bater em Êsquilo**).
- 1025 ÊSQUILO — Eh! Tivestes também a possibilidade de vos dedicardes a isto; não o fizestes, porém. Em seguida celebrei uma façanha maravilhosa, fazendo representar **Os Persas**, onde ensinei que cumpre aspirar sempre a levar a melhor sobre os inimigos.

186. Como o escudo do valente Ajax, cf. *Ilíada*, VII, 220.

187. **Ares**, deus da guerra, o que os romanos chamarão de Marte ou Mavorte.

BACO — Apesar de tudo (188), fiquei orgulhoso, quando entoaste a lamentação acêrca do falecido rei Dario. O Côro imediatamente começou a bater palmas e a gritar: oh! oh!

1030 ÉSQUILO — Eis aí os assuntos de que devem tratar os poetas. Vê como desde a mais remota antigüidade se mostraram úteis os vates que tinham nobreza de alma. Orfeu (189) ensinou-nos os mistérios e a abstenção dos assassínios; Museu (190), a cura das doenças e os oráculos; Hesíodo (191), os labôres campestres, as estações dos frutos, o trabalho em geral; e o divino Homero, por que desfruta também honra e glória, se não por haver ensinado coisas úteis: estratégia, virtudes bélicas e os equipamentos dos soldados?

1035

BACO — As lições dêle, todavia, não aproveitaram a Pântacles (192), um inepto consumado. Há dias passados, quando acompanhava um cortejo, já havia amarrado a correia do capacete, pensando ter-lhe adaptado o penacho

188. O "apesar de tudo" de Baco é sintomático: Ésquilo, na tragédia *Os Persas*, pôs em cena *os vencidos* (Persas) e não *os vencedores* (Gregos).

189. Cf. Horácio, *Ad Pison.*, 391-392: *Siluestres homines sacer interpresque deorum, Caedibus et uictu foedo deterruit Orpheus.*

(Orfeu, sagrado intérprete dos deuses, fêz com que os homens, ainda brutos, repelisses o vil sustento e os morticínios).

190. Antiquíssimo poeta grego, cuja existência é mais ou menos lendária. Segundo a tradição, *Museu* teria sido amigo, mestre ou simplesmente contemporâneo de *Orfeu*, de quem parece ser apenas um "doublet". Museu foi talvez um grande músico, capaz mesmo de curar as doenças com sua arte e também uma pessoa muito religiosa, a quem, freqüentemente se atribui a introdução dos Mistérios de Elêusis, na Ática. Com seu nome correm, desde a antigüidade, alguns poemas de inspiração mística.

191. Grande poeta grego do século VIII a. C., autor do poema didático *Trabalhos e Dias*.

192. Segundo o Escoliasta, essa personagem, para nós desconhecida, era um estúpido contumaz.

ÉSQUILO — Em compensação aproveitaram a muitos outros e bravos, dentre os quais, ao herói Lâmaco. (193) Inspirando-se nêle, meu espirito engendrou as numerosas façanhas de Pátroclo (194), dos Teucros (195), de coração de leão, para que todos os cidadãos rivalizem com êles, ao primeiro clangor das trombetas. Jamais, por Zeus, coloquei em cena Fedras prostituídas (196), nem Estenebéias (197), e ninguém poderá citar em meus versos mulher alguma enamorada (198).

1040

1045 EURÍPIDES — Sim, por Zeus, não tens uma única parcela de Afrodite.

ÉSQUILO — Oxalá eu jamais a tenha! Sôbre ti e sôbre os teus ela pesava tanto que chegou mesmo a lançar-te por terra.

BACO — Sim, por Zeus, é isto mesmo: o que imputavas às mulheres dos outros, tu mesmo o sofreste! (199)

EURÍPIDES — E que dano, ó miserável, causaram à cidade as minhas Estenebéias?

1050 ÉSQUILO — Nobres espôsas de nobres esposos foram por ti arrastadas a beber cicuta (200), por se terem perdido, graças aos teus Belerofontes!

193. Aristófanes mudou de opinião com respeito ao general ateniense *Lâmaco*: em *Os Acarneus* vergastou-o impiedosamente e agora chama-o de *herói*.

194. Companheiro e amigo inseparável de Aquiles, em Tróia.

195. Isto é, os Troianos.

196. *Fedra*, espôsa de Teseu, apaixonou-se por seu enteado Hipólito. Repelida por êste, suicidou-se. Acontece, porém, (e aqui está o *equivoco premeditado de Aristófanes*) que Fedra não era desonesta: apaixonou-se por Hipólito, mercê das artimanhas dt Afrodite, que o odiava por ser casto.

197. *Estenebéia*, mulher do rei de Argos, acusou Belerofonte de violentá-la: reconhecida culpada de mentira, suicidou-se.

198. Não é de todo exato: e *Clitemnestra* com *Egislo*? Cf. *Agam.* de Ésquilo.

199. Ao que parece, as duas espôsas de Eurípides não foram modelos de virtudes conjugais.

200. Cf. v. 124.

EURÍPIDES — Sim ou não: é fictícia a história de Fedra, que eu compus?

1055 ESQUILO — Nao, por Zeus; é verídica. O dever do poeta, entretanto, é ocultar o vício, não propagá-lo e trazê-lo à cena. Com efeito, se para as crianças o educador modelo é o professor, para os jovens o são os poetas. Temos o dever imperioso de dizer somente coisas honestas.

EURÍPIDES — E quando empregas **Licabetos** (201) e palavras com a altitude do monte Parnasso (202), em lugar de usares uma linguagem humana, isto é ensinar coisas honestas?

1060 ESQUILO — O infeliz, na expressão de grandes sentenças e pensamentos a linguagem deve correr paralelo com êes. Além do mais, e logico que os semideuses empreguem termos mais grandiosos, assim como sua vestimenta é bem mais imponente que a nossa. Eu mostrei o bom modelo, tu o aviltaste.

EURÍPIDES — Como?

ESQUILO — Primeiramente, cobrindo os reis de farrapos, para que aos homens parecessem dignos de piedade.

EURÍPIDES — Que mal há nisso?

1065 ESQUILO — Este é o motivo por que nenhum rico quer equipar uma trirreme: (203) cobre-se de andrajos, geme e diz-se pobre.

BACO — Sim, por Deméter, os ricos levam por baixo uma espessa túnica de la e, quando já se impuseram pela mentira, eis que um aia surge no mercado de peixe (204).

201. **Licabeto**, hoje **Hágios Geórgios**, monte ao norte de Atenas.

202. Monte da Focida.

203. As **trirremes**, na época, eram de importância capital para dar combate aos inimigos. A "trirreme" era uma "galera de três ordens de remos". Os Atenienses ricos tinham obrigação de equipar uma e oferecê-la ao governo.

204. O pescado fresco, em Atenas, era tão caro, nesse tempo, que somente os ricos podiam comprá-lo.

1070 ESQUILO — Depois, ensinaste o uso de uma tagarelice verbosa, que tornou desertas as "palestras", corrompeu as nádegas dos jovens loquazes e induziu os **Párolos** (205) a responderem a seus chefes. E dizer, que, enquanto eu vivia, não sabiam reclamar outra coisa além da sua razão de pão e gritar: "Ripapái"! (206).

1075 BACO — Sim, por Apolo, e peidar na bôca do remador do último banco, corromper os companheiros e, uma vez em terra, roubar os outros. Agora discutem e, em vez de remar, vogam aqui, acolá, ao acaso.

1080 ESQUILO — De que males não é êle a causa? Por ventura não levou à cena alcoviteiras (207), mulheres que dão à luz nos templos (208), irmãs que se unem a irmãos (209) e dizem que a vida não é a vida (210)? A consequência disto é que a nossa cidade está repleta de escritores mediócrees (211), de bufões, macacos que divertem o povo, ao qual continuamente enganam e que ninguém, à falta de exercício, é capaz, nos dias de hoje, de carregar o archote (212).

205. **Párolos**, isto é, habitantes do litoral: eram marinheiros, mas cidadãos livres.

206. Grito dos marinheiros.

207. A **Aia** de Fedra, em **Hipólito**, por exemplo.

208. A sacerdotisa **Auge**, na tragédia que tem seu nome, seduzida por **Hércules**, deu à luz o filho **Télefo**, no templo de **Atená** (**Minerva**).

209. Na tragédia intitulada **Éolo**, Eurípides representou o amor incestuoso de **Cânace** e de seu irmão **Macareu**, ambos filhos de **Eolo**. Cf. **Nuven**, 1371.

210. Como dizia **Melanipe**, na tragédia que tem seu nome ou ainda a mesma **Melanipe** em **Políido**: "Quem sabe se viver não é estar morto (v. 1477) e se estar morto não é o mesmo no Hades que estar vivo?" (frag. 7)

211. Os jovens, por causa de Eurípides, (consoante Aristófanês), não se exercitavam mais no "ginásio", tornando-se, então, escritores mediócrees e sofistas.

212. Nas **Lampadodromias**, cf. v. 128 e nota.

- 1090 BACO — Certamente não, por Zeus. A coisa chegou a tal ponto que quase morri de rir nas Panatenéias (213), vendo um homenzinho gorducho, muito pálido, que corria distanciado dos outros, com a cabeça baixa, com incrível dificuldade. Os habitantes do Ceramico, (214) que se encontravam junto às portas, batiam-lhe no ventre, no peito, nos rins, nas nádegas e êle, sob uma chuva de pancadas, começou a peidar e, apagando a tocha, fugiu.
- 1095
- 1100 CÔRO — O assunto é importante, a disputa é veemente, formidável a guerra que se anuncia. Difícil será prever o desfecho, porque, quando um atacar com vigor, o outro fugirá ágilmente com o corpo e replicará com destreza. Não permaneçais sempre no mesmo terreno: numerosas e várias saídas patenteiam-se à vossa argúcia. Sobre o que tendes que discutir, falai, atacaí, esmiuçai as obras antigas e modernas e podeis mesmo aventurar argumentos engenhosos e penetrantes. Se temeis que, por falta de instrução, os espectadores não possam apre-
- 1105
- 1110
- 1115
- 1120
- 1125
- EURÍPIDES — Começarei, pois, pelos teus prólogos. Sendo esta a primeira parte da tragédia, será a primeira parte da obra dêste hábil poeta a ser analisada. É êle obscuro na exposição dos fatos.
- BACO — E qual dos seus prólogos examinarás?
- EURÍPIDES — Muitos dêles. (**A Ésquilo**) Recita-me, em primeiro lugar, aquêle da Oréstia (216).
- BACO — Fazei silêncio, todos! Recita, Ésquilo.

213. Festas em honra de Palas Atená (Minerva).

214. Cf. v. 128 e nota.

215. Alusão aos sofistas.

216. Célebre trilogia de Ésquilo: **Agamêmnon**, **Coéforas**, **Eumênides**.

ÉSQUILO —

Hermes ctoniano (217), **guardião do reino paterno**,
Sê, eu te suplico, meu salvador e aliado.

Eis-me de volta à minha pátria, eu entro...

BACO — Tens alguma coisa a criticar?

EURÍPIDES — Mais de doze.

1130 BACO — Mas são três versos apenas!

EURÍPIDES — Em cada um há vinte falhas.

BACO — Ésquilo, aconselho-te a ficares calado, se não além dêstes três iambos (218), serás coagido a admitir outros débitos.

ÉSQUILO — Eu? Calar-me diante dêle?

BACO — Sim, se crês em mim.

1135 EURÍPIDES — Desde o início cometeu uma falta que vai daqui até o céu.

ÉSQUILO — Não vês que estás louco?

EURÍPIDES — Isso pouco me importa.

ÉSQUILO — Onde está a falha que dizes ter eu cometido?

EURÍPIDES — Repete, novamente, desde o princípio.

ÉSQUILO —

Hermes ctoniano, guardião do reino paterno...

1140 EURÍPIDES — Por ventura Orestes não pronunciou isto sobre o túmulo do pai assassinado?

ÉSQUILO — Eu não disse o contrário.

EURÍPIDES — O que quer dizer Orestes com referência a Hermes? Por ventura pretendia que Hermes lhe guardasse o pai Agamêmnon, quando êste pereceu sob os golpes de uma mulher, naquela tenebrosa cilada?

217. **Ctoniano** significa "subterrâneo". Estes três versos são o início das **Coéforas** e foram pronunciados por Orestes sobre o túmulo do pai assassinado. Note-se que êstes versos, conhecemo-los através desta citação de Aristófanes, porquanto o início da tragédia esquiliana falta no códice (**e único**) que dela possuímos.

218. Pé métrico, composto de uma breve seguida de longa.

1145 ÉSQUILO — Não é este Hermes, mas o **Hermes Benéfico** (219), a quem denomina **ctoniano** e prova-o, declarando que o **Benéfico** recebeu essa função do próprio pai Agamêmnon.

EURÍPIDES — A falha é ainda mais grave do que eu pensava, porque se ele recebeu de Agamêmnon essa função subterrânea...

BACO — Nesse caso ele seria, em relação ao pai de Orestes, um violador de túmulos!

1150 ÉSQUILO — Ai Baco! O vinho que tomaste não está perfumado! (220)

BACO — Recita-lhe um outro verso. Atenção, Eurípides, para os defeitos.

ÉSQUILO —

Sê, eu te suplico, meu salvador e aliado.

Eis-me de volta à minha pátria, eu entro...

EURÍPIDES — O douto Ésquilo diz a mesma coisa duas vezes.

1155 BACO — Como, duas vezes?

EURÍPIDES — Atenta bem neste verso e mostrar-te-ei a repetição:

Eis-me de volta à minha pátria, diz ele, eu entro.

Eis-me de volta é o mesmo que eu entro.

BACO — Sim, por Zeus; seria o mesmo que dizer ao vizinho:

Empresta-me a tua arteza (221), ou, se o preferes, a tua amassadeira de pão.

1160 ÉSQUILO — Não, não é a mesma coisa, tagarela contumaz. O meu verso é excelente.

219. O deus Hermes (Mercúrio), além de conduzir as almas dos mortos para o Inferno, era o símbolo da astúcia. Orestes, acrescentando na sua invocação o adjetivo **ctoniano**, invoca também a sua qualidade de deus vingador.

220. Isto é, "o teu gracejo é de um mau gosto!"

221. Amassadeira de pão.

EURÍPIDES — O quê? Dize-me como o interpretas.

1165 ÉSQUILO — **Vir** a seu país é próprio daquele que tem uma pátria: sem outro acidente, **ele veio**. Um exilado, porém, **retorna e reentra**.

BACO — Bem, por Apolo. Que dizes a isto, Eurípides?

EURÍPIDES — Continuo a dizer que Orestes não **retornou** à pátria, porque ele **veio**, às escondidas, sem o consentimento das autoridades (222).

BACO — Bem, por Hércules... Já não te compreendo.

1170 EURÍPIDES (**A Ésquilo**) — Conclui, pois, e passa a um outro.

BACO — Vamos, Ésquilo, conclui e liquida com isto! (**A Eurípides**) Atenção para as falhas!

ÉSQUILO — **Sobre a eminência do seu túmulo, convido meu pai**

A escutar-me, a ouvir-me...

EURÍPIDES — Ei-lo a repetir-se novamente: **escutar e ouvir** é a mesma coisa, evidentemente.

1175 ÉSQUILO — É que ele está falando aos mortos, ó infeliz, aos quais, mesmo invocando três vezes (223), nossa voz mal chega. E tu, como fazes teus prólogos?

EURÍPIDES — Vou dizê-lo. Se me repetir ou se encontras neles um pleonasma, um rípio, cospe sobre mim.

1180 BACO (**A Eurípides**) — Vamos, recita. Não desejo outra coisa senão ouvir teus prólogos e a correção dos teus versos.

EURÍPIDES —

Édipo era, antes de tudo, um homem feliz... (224)

1185 BACO — Não, por Zeus; de modo algum. Era um homem naturalmente infeliz, pois, antes do nascimento, Apolo

222. O que Aristófanes quer ressaltar é o tipo de linguagem, estilo e raciocínio de Eurípides: um complexo de sofismas inúteis! (Segundo Aristófanes, naturalmente!)

223. Aos mortos invocava-se três vezes, chamando-se a cada um por seu nome.

224. Início da *Antígona*, de Eurípides.

havia predito que mataria o próprio pai e ainda não era nascido. Como é que foi, então, antes de tudo, um homem feliz?

EURÍPIDES —

tornou-se depois o mais desgraçado dos mortais.

1190 ÉSQUILO — Não, por Zeus, de maneira nenhuma. Melhor é dizeres que jamais deixou de ser infeliz. Como? Logo que nasceu, foi exposto num vaso de terra, com receio de que, uma vez crescido, se tornasse o assassino de seu próprio pai; depois arrastou-se penosamente até o Palácio de Políbio (225), com os pés inchados (226); em seguida desposou uma senhora idosa (227), sendo êle ainda jovem, e que além disso, era sua mãe e finalmente vazou os próprios olhos.

1195 BACO (**Irônico**) — Talvez fôsse feliz se tivesse sido general com Erasínides. (228)

EURÍPIDES — Deliras. Meus prólogos, eu os fiz muito bem.

1200 ÉSQUILO — Por Zeus, não analisei minuciosamente, palavra por palavra, os teus versos, mas, com o auxílio dos deuses, destruirei teus prólogos com um frasquinho. (229)

225. Rei de Corinto, espôso de Mérope.

226. "Pés inchados" é a etimologia de **Édipo**.

227. **Jocasta**, bem mais idosa que Édipo, seu filho e depois espôso.

228. Um dos seis generais atenienses condenados à morte após a vitória das **Arginusas**. Cf. v. 540 e nota. Baco quer dizer que teria sido melhor a Édipo morrer com os generais do que viver infeliz, durante toda a sua existência, aliás, breve.

229. Isto é, com um objeto insignificante, com pouco trabalho.

Velocino (capote de pele de carneiro), **frasquinho** e **saquinho** eram três objetos de uso corrente e prático. O primeiro servia de cobertor e de agasalho nas viagens; o segundo era uma espécie de galheta para o óleo, utensílio indispensável para os exercícios ginásticos e que todo ateniense levava consigo, quando ia à palestra; o terceiro era um saco para as provisões. O refrão que se segue, portanto, "**perdeu um frasquinho**" tem

EURÍPIDES — Com um frasquinho? Tu? Meus prólogos?!

ÉSQUILO — Com um só. Porque escreves de tal forma, que a teus iambos pode adaptar-se qualquer coisa: um pequeno velocino, um frasquinho, um saquinho. Vou demonstrá-lo imediatamente.

1205 EURÍPIDES — Vejamos. Vais demonstrá-lo?

ÉSQUILO — Sim.

BACO (**A Eurípides**) — Então precisas recitar.

EURÍPIDES —

Egito (é o boato mais difundido),

Com seus cinquenta filhos, quando aportou

As praias de Argos... (230)

ÉSQUILO —

... perdeu um frasquinho (231)

1210 BACO — O que é este frasquinho? Cuidado com êle! (**A Eurípides**)

Recita-lhe outro prólogo, para que eu observe novamente.

EURÍPIDES —

Baco, de tirso em punho, coberto com a pele

aqui um sentido preciso: denuncia êle um defeito grave dos prólogos de Eurípides. Esse defeito é a discordância gritante de dois elementos contraditórios: de um lado, a majestade da linguagem trágica e, de outro, um acúmulo de termos prosaicos e de lugares comuns. **Perdeu um frasquinho**, cf. o lat. **oleum perdidit**, é, por conseguinte, o símbolo dos lugares comuns dos prólogos eurípidianos em contradição com a solenidade condoreira da linguagem desses mesmos prólogos. A forma diminutiva das três palavras empregadas por Aristófanes tem por finalidade dar-lhes um sentido ainda mais pejorativo.

230. Prólogo do **Arquelau**, tragédia hoje perdida. Trata-se dos cinquenta filhos de **Egito** que vinham procurar suas cinquenta espôsas que se haviam refugiado junto ao rei de Argos, seu pai.

231. O sentido desta frase é, como já explicamos, o mesmo da frase latina **oleum perdidit** (perdeu tempo). Ésquilo quer dizer que Eurípides perdeu tempo, compondo versos tão mediocres, aos quais é sempre possível acrescentar: **perdeu tempo**.

**De uma corçazinha, ao clarão dos archotes, regendo
No Parnasso um côro saltitante... (232)**

ÉSQUILO —

... perdeu um frasquinho.

BACO — Que desgraça! Eis-nos mais uma vez atingidos pelo frasquinho.

1215 EURÍPIDES — Não há de ser nada. A êste prólogo não poderá êle adaptar o frasquinho:

Não há mortal que seja inteiramente feliz:

Um, de família ilustre, luta pela vida;

Outro, de origem humilde... (233)

ÉSQUILO —

... perdeu um frasquinho.

1220 BACO — Eurípides!

EURÍPIDES — Que há?

BACO — Parece que já é preciso ferrar as velas, porque êste frasquinho vai soprar muito forte.

EURÍPIDES — Não, por Deméter, não me incomodo muito, porque êle agora vai saltar-lhe das mãos.

BACO — Vamos então, recita um outro. Cuidado com o frasquinho!

1225 EURÍPIDES —

Tendo abandonado outrora a cidade de Sidon,

Cadmo, filho de Agenor... (234)

ÉSQUILO —

... perdeu um frasquinho.

BACO — Meu amigo, compra êste frasquinho para que não ponha mais a pique os nossos prólogos!

EURÍPIDES — Hein? Eu, comprá-lo?

BACO — Sim, se me dás crédito.

232. Prólogo de **Hipsípila**. O terceiro verso completa-se com:

... "de jovens delfins" (Escol.)

233. Prólogo de **Estenebéia**. Completa-se com: "lavra um campo muito fértil".

234. Prólogo de **Frixo**.

1230 EURÍPIDES — Não. Tenho ainda muitos prólogos para recitar, aos quais não poderá adaptar o frasquinho

Pélope, filho de Tântalo, tendo chegado a Pisa

Em velozes corcéis... (235)

ÉSQUILO —

... perdeu um frasquinho.

1235 BACO — Vês? Outra vez adaptou o frasquinho. Vamos, meu caro, ainda está em tempo, paga qualquer preço por êle. Por um óbolo terás um frasquinho muito bonito e bom.

EURÍPIDES — Não, por Zeus, agora não. Tenho ainda muitos prólogos:

Eneu, um dia, nos campos...

ÉSQUILO —

... perdeu um frasquinho.

EURÍPIDES — Deixa-me primeiro recitar o verso todo:

1240 **Como primícias aos deuses... (236)**

ÉSQUILO —

... perdeu um frasquinho.

BACO — Durante o sacrifício? E quem o furtou?

EURÍPIDES — Deixa ficar, meu caro. Que êle agora (237) o experimente neste verso:

Zeus, a verdade mesma o assegura... (238)

1245 BACO — Tu me farás morrer! Êle vai logo dizer (239): **perdeu um frasquinho**. Êste frasquinho adere a teus pró-

235. Prólogo de **Ifigênia em Táuride**.

236. Prólogo de **Meleagro**.

237. Com êste verso Eurípides consegue eliminar o frasquinho.

238. Êste verso é o início de **Melanipe, a Sábua**. O segundo começava por: **Foi o pai de Helena**. A citação inteira teria, de fato, banido o frasquinho. **Dioniso**, porém, interrompeu abruptamente a Eurípides, a fim de ser possível o gracejo — pois seria ridículo que o próprio Zeus perdesse o frasquinho! Eis o que explica a exclamação de Baco: "Tu me farás morrer", isto é, "se continuares".

239. Baco maliciosamente procura consolar a Eurípides com a idéia do frasquinho e pede-lhe para mudar de assunto...

logos como a remela aos olhos. Mas, em nome dos deuses, passa à parte lírica.

EURÍPIDES — Certamente que posso demonstrar que êle é um mau lírico e que repete sempre as mesmas coisas.

1250

CÓRO — O que irá acontecer? Estou curioso por saber o que censurará êle num poeta, autor dos mais numerosos e belos cânticos líricos que até hoje se compuseram. [Não consigo compreender o que poderá Eurípides vituperar neste rei da arte báquica e temo por êle (240)]

1255

1260

EURÍPIDES — Sim, cantos líricos admiráveis! Ver-se-á logo Vou resumi-los todos num só.

BACO — Então eu vou fazendo as contas com pedrinhas.

EURÍPIDES (Acompanhado por flautas, no interior) —

1265

1270

Aquiles Ftiano (241), por que então conhecendo êste trabalho suicida, ai! não vens socorrê-los? (242) É a Hermes fundador de nossa raça, que veneramos em tórno dêste lago. Trabalho, ai! não vens socorrê-los?

BACO — Já tens dois trabalhos, Ésquilo. (Coloca duas pedrinhas.)

EURÍPIDES — Ó mais glorioso dos Aqueus, ó filho de Atreu, rei de muitos povos, sabe que... Trabalho, ai! não vens socorrê-los?

BACO (Colocando uma terceira pedrinha) —

Um terceiro trabalho, Ésquilo. Ei-lo.

1275

EURÍPIDES — **Silêncio! As Melissas (243) estão prestes a abrir o templo de Artemis. Trabalho, ai! não vens socorrê-**

240. A parte entre conchêtes é certamente **apócrifa**, segundo as melhores edições.

241. Ftia, foi uma antiga cidade da Tessália.

242. Exortação dos embaixadores gregos a Aquiles, para que o mesmo fôsse em socorro dos Aqueus atacados pelos Troianos (Escol.). Estes trechos "líricos" que Eurípides recita são tomados a esmo de diversas tragédias de Ésquilo, não tendo êles concatenação alguma entre si, pois a finalidade de Aristófanes é provocar o riso, principalmente com o estribilho: "Trabalho, ai! não vens socorrê-los?"

243. Nomes de sacerdotisas de muitas divindades femininas.

los? Posso dizer que um feliz preságio assinalou a partida dos valentes heróis. Trabalho ai! não vens socorrê-los?

BACO (Colocando um monte de pedrinhas) —

1280

Vou tomar um banho, porque com tantos trabalhos os meus rins ficaram inchados!

EURÍPIDES — Não, agora não. Ouve primeiro uma outra estância lírica, composta de máximas citarédicas. (244)

BACO — Vamos, recita, mas não acrescentes a palavra "trabalho".

1285

EURÍPIDES — "Como a união dos dois tronos dos reis aqueus, da juventude da Hélade" *t o f l a t o t r a t*, *t o f l a t o t r a t*, "envia a esfinge, cadela que preside aos dias infaustos", *t o f l a t o t r a t*, *t o f l a t o t r a t*, "com a lança, a ave impetuosa de braço vingador", *t o f l a t o t r a t*, *t o f l a t o t r a t*, "tendo marcado um encontro com as cadelas vagabundas em vaivém nos ares", *t o f l a t o t r a t*, *t o f l a t o t r a t*, "o partido que cerra fileiras ao lado de Ajax", *t o f l a t o t r a t*, *t o f l a t o t r a t*!

1290

1295

BACO — Que significa êsse *t o f l a t o t r a t*? Vem, por acaso, de Maratona (245), ou donde trouxeste tais cantos de puxadores de cordas dos poços? (246)

ÉSQUILO — Eu sempre dei ao que já era belo uma forma igualmente bela, para que se não dissesse que eu colhia

244. Isto é, que são cantadas ou recitadas ao som da cítara. A "estância lírica" é composta de fragmentos diversos de peças de Ésquilo. Os versos têm certo ritmo, mas nenhuma relação de sentido entre si. A onomatopéia burlesca *t o f l a t o t r a t* é uma crítica ao majestoso e não raro **impenetrável** estilo de Ésquilo.

245. Isto é, "aprendeste esta palavra bárbara com os Persas que combatiam em Maratona?" Sabe-se que Ésquilo tomou parte nessa batalha.

246. *T o f l a t o t r a t* é uma palavra intraduzível. Vê-se, pelo texto, que o poeta pretende, com semelhante onomatopéia burlesca, exprimir o ruído da corda na roldana, quando puxada de dentro do poço.

- 1300 no jardim sagrado das musas as mesmas flôres que Frínico (247). Eurípides, entretanto, recorre a tudo: às canções das meretrizes, às escólias (248) de Meleto (249), às flautas cárias, aos trenos, aos hinos coreográficos. Vou prová-lo. Tragam-me a lira. Mas, que necessidade há de lira para entoar êsses cantos?! Onde está a mulher que toca as castanholas? Aqui, Musa de Eurípides. Com ela é que se devem cantar êsses versos!

(Aparece a mulher, completamente nua, com as castanholas)

BACO — Esta musa certamente não procede como as **lésbias** (250)!

- 1310 ÉSQUILO — “Alcíones que gorjeais junto às ondas inexauríveis do mar, mergulhando nas gôtas úmidas a superfície de vossas asas molhadas de orvalho; aranhas que nos ângulos dos tetos fi-i-i-i-iais (251) com as patas as tramas de vossas teias, obra da lançadeira sonora; lá onde o delfim, amante da flauta, salta junto às proas (252) de tenebrosos esporões, agitando oráculos e estádios; adorno da videira em flor, gavinhas dos cachos que afo-

247. Cf. v. 911 e nota. Ésquilo nas suas obras procura não imitar as frivolidades de Frínico, mas leva para a tragédia belas passagens da poesia eólica e de Terpandro.

248. Escólia é uma canção irregular: entoavam-na os convivas à mesa, um após outro, numa ordem irregular.

249. Poeta trágico, acusador de Sócrates e valido de Cálías.

250. Esta frase de Baco tem dois sentidos: 1.º — a musa de Eurípides nada tem a ver com a poesia lésbica, mormente a de Terpandro, imitado por Ésquilo; 2.º — (sentido irônico, provocado pelo aparecimento da mulher lésbica inteiramente nua) — ela não se entrega a práticas licenciosas, como as outras habitantes de Lesbos, que se tornaram tristemente célebres por sua luxúria.

251. O verbo grego, ou melhor o verbo empregado por Aristófanes é *ei-ei-ei-ei-ei-eilissete*.

252. Cf. *Electra*, de Eurípides, 435-436.

gam as tristezas da vida. Filho, enlaça-me em teus braços. (253) (A Baco) Vês êste pé? (254)

BACO — Vejo.

ÉSQUILO — Hein? Vês?

BACO — Vejo.

- 1325 ÉSQUILO (A Eurípides) — Compões de qualquer maneira e ainda ousas criticar os meus versos, quando, em verdade, escreves os teus, imitando as doze posturas de Cirene? (255) Eis os teus cantos líricos. Desejo ainda examinar-te o estilo nas monodias. “Ó sombria obscuridade da noite, que sonho funesto me envias das alamêdas do invisível Hades, alma inanimada, filho da tenebrosa noite, fantasma terrível, provocador de arrepios, duende coberto de negro sudário, de olhar assassino, assassino, de compridas garras! (256)
- Vamos, servas, acendei o candeeiro, enchei as urnas com as ondas do rio, aquecei a água para que eu possa, por meio de uma ablução, afastar êste sonho divino. Ah! deus dos mares, (257) é isto certamente. Habitantes desta casa, contemplai êstes prodígios! Glice roubou meu galo e fugiu! Ninfas nascidas nas montanhas! Mânia, prende-a. Infeliz de mim, ocupada em meus trabalhos, girando com as mãos o fuso cheio de linho, fazendo um novêlo para, de manhã, vendê-lo no mercado! Meu galo, porém, desapareceu, desapareceu no ar, voando sôbre

253. Cf. *Hipsípila*, de Eurípides.

254. Ésquilo replica à paródia burlesca de Eurípides, tomando-lhe versos esparsos de várias tragédias, justapondo-os sem a menor lógica. Critica-lhe as metáforas “modernistas” (“teias de aranha”, “obra da lançadeira sonora”); as inovações em música (a repetição de seis notas idênticas sôbre a mesma sílaba: “ei-ei-ei-ei-ei-eilissete”); irregularidades métricas (emprêgo de um pé anapéstico no início de um glicônico, em vez de um pé dissílabo, iambo, troqueou ou espondeu.)

255. Famosa cortesã.

256. Paródia do monólogo de Hécuba.

257. Poseidon (Netuno).

1355 as pontas ligeiras de suas asas, deixando-me tristezas, tristezas e lágrimas, lágrimas correram, correram de meus olhos. Vamos, Cretenses (258), filhas do Ida (259), tomai vossos arcos e vinde socorrer-me; correi e cercai a residência de Glice. Oxalá a jovem Dictina (260), a
1360 bela Ártemis, venha com suas cadelinhas examinar todos os cantos da casa. Tu, filha de Zeus, trazendo nas mãos dois archotes brilhantes, ó Hécate, (261) guia-me até a casa de Glice, para que eu faça uma perquirição (262).

BACO — Deixemos, agora, os cantos líricos. (263)

258. Cf. *Cretenses*, de Eurípides.

259. *Ida*, montanha da ilha de Creta.

260. *Dictina*, sobrenome de Ártemis (Diana).

261. Hécate, mais tarde confundida com Diana é, nos Infernos, o que o sol é na terra. Note-se, aliás, que estamos em plena noite.

262. Acabamos de ler o que se denomina "monodia cretense". Essas monodias eram cantos acompanhados de danças executadas pelo côro (*hiporquemos*). Existiam antes de Eurípides, mas este modificou-as por completo: eliminou o côro e fê-las cantar por uma só personagem — um escravo, em *Orestes*, 1369; Electra, em *Orestes*, 982; Jocasta, nas *Fenícias*, 301. O assunto da presente monodia pode resumir-se assim: uma velha, fiando a lã que pretendia vender no mercado, dormiu e teve um sonho tenebroso. Ao acordar, invocou a Noite que lhe enviara o sonho e pediu água para se purificar, ocasião em que invocou também a Poseidon. Descobriu, em seguida, que sua vizinha Glice lhe havia roubado o galo. Apostrofou então as Ninfas; chamou sua escrava Mânia e as Cretenses, para que viessem cercar a casa de Glice. A Ártemis suplicou que se apresentasse com suas cadelinhas e a Hécate que iluminasse o caminho até a casa da ladra. Neste pasticho, Ésquilo critica em Eurípides: 1.º a *trivialidade do assunto*, vazado num estilo de gala; 2.º a *mistura de assuntos* na mesma redação; 3.º o *emprego de palavras contraditórias* (alma inanimada); 4.º *repetições inúteis* (desapareceu, desapareceu, lágrimas, lágrimas...); 5.º a *negligência da métrica e da música*.

263. Com esta frase Baco decreta a derrota de Eurípides "no lirismo", pois nem permite a Ésquilo continuar, nem àquele defender-se.

1365 ÉSQUILO — Estou de pleno acôrdo. Desejo levá-lo agora a uma balança, pois é o único meio de aquilatar o valor de nossa poesia e calcular com exatidão o pêso de nossas palavras.

BACO — Aproximai-vos, porque devo pesar o talento dos poetas, como se faz com o queijo no mercado. (*Uma grande balança é carregada para a cena*).

1370 CÔRO — Eles são laboriosos e hábeis. Eis um outro prodígio, novo e estranho: a quem mais se não a êle (264) teria ocorrido semelhante idéia? Se alguém me tivesse contado isto, não teria acreditado e julgá-lo-ia certamente um

1375 louco.

BACO — Vamos, acercai-vos dos pratos.

ÉSQUILO e EURÍPIDES — Aqui estamos.

1380 BACO — Segurando-os, cada um recite o seu verso. Largai-os somente depois que eu gritar: cuco!

ÉSQUILO e EURÍPIDES — Estamos a segurá-los.

BACO — Recitai agora os vossos versos sôbre a balança.

EURÍPIDES —

Oxalá a nau Argos nunca tivesse voado... (265)

ÉSQUILO —

Ó rio Esperquio, ó pastagens de bois... (266)

BACO — Cuco!

ÉSQUILO e EURÍPIDES — Estão soltos.

BACO — Olhai. O verso de Ésquilo pesa muito mais.

1385 EURÍPIDES — E qual é o motivo?

BACO — E que êle colocou na balança um rio e, a exemplo dos mercadores, molhou o verso, como fazem aquêles com a lã, enquanto o teu é um verso alado.

EURÍPIDES — Está bem, que recite êle um outro que se oponha ao meu.

1390 BACO — Vamos, colocai de novo as mãos sôbre os pratos.

264. Isto é, Ésquilo, que aventou a idéia da balança.

265. Primeiro verso da *Medéia*, de Eurípides.

266. Cf. *Filoctetes*, de Ésquilo (Escoliaista)

ÊSQUILO e EURÍPIDES — Pronto.

BACO (A Eurípides) — Recita.

EURÍPIDES —

A palavra é o único santuário da persuasão. (267)

ÊSQUILO —

Dentre os deuses sòmente "Tânatos" (268) não gosta de presentes (269)

BACO — Desta vez ainda está pesando mais o verso de Êsquilo: é que êle colocou na balança a **Morte**, o mais pesado dos males.

1395 EURÍPIDES — E eu coloquei a **Persuasão**. Meu verso é excelente!

BACO — Mas a persuasão é coisa leve e "não tem bom senso". (270) Vamos, escolhe um outro entre os pesos pesados, um bem forte e majestoso, que possa inclinar o prato da balança para teu lado.

EURÍPIDES — Mas onde encontrá-lo? Onde?

1400 BACO — Vou dizê-lo:

Aquiles lançou o dado e fêz dois "ases" e "quatro". (271)

Vamos, recitai. E a vossa última prova.

EURÍPIDES — **Com a direita pegou um pedaço de pau pesado como ferro.** (272)

ÊSQUILO —

Sim, carro sôbre carro, cadáver sôbre cadáver. (273)

BACO (A Eurípides) — Venceu-te novamente.

EURÍPIDES — Como?

267. Cf. *Antígona*, de Eurípides, frag. 170.

268. "Tânatos", a morte personificada.

269. Cf. *Niobe*, de Êsquilo, frag. 156.

270. Isto é, "absurda" — não se conta como pêso.

271. Baco, irônicamente, recita, a seu ver, o mais pesado dos versos de Eurípides, extraído não se sabe de que peça.

272. Cf. *Meleagro*, de Eurípides, frag. 535 (Esc.)

273. Cf. *Glauco Potnieu*, de Êsquilo, frag. 32 (Esc.)

1405 BACO — Êsquilo colocou dois carros e dois cadáveres, pêso que nem cem Egípcios levantariam (274).

ÊSQUILO — Desiste, Eurípides, de lutar comigo com isso de pesar verso por verso. Num prato da balança pode êle sentar-se, e mais seus filhos, sua mulher, Cefisofonte e seus livros inclusive. (275) Recitarei dois de meus versos, sòmente!

(Retira-se a balança. Chega Plutão)

BACO — São meus amigos e não quero julgá-los. Não desejo indispor-me com nenhum dêles: um, considero-o hábil, o outro, deleita-me.

PLUTÃO — Nesse caso a tua viagem não atingirá o objetivo a que visavas.

1415 BACO — E, se eu der a sentença?

PLUTÃO — Levarás aquêle que apontares como vencedor e assim a tua vinda não será em vão.

BACO — Muito obrigado (**A Êsquilo e a Eurípides**) Agora, ouvi-me: venho aqui em baixo buscar um poeta.

EURÍPIDES — Para quê?

1420 BACO — Para que a cidade, uma vez livre, volte a representar seus coros (276). Assim, aquêle que lhe der um conselho salutar, será o escolhido para voltar comigo. Em primeiro lugar, a propósito de Alcibiades (277), qual é a vossa opinião? A cidade, com efeito, está para dar à luz...

EURÍPIDES — E qual é a opinião dela a respeito de Alcibiades?

274. Consideravam os gregos aos egípcios como uma potência muscular.

275. Eurípides foi um dos primeiros atenienses a possuir biblioteca.

276. Dionísio confunde aqui seus próprios interesses com os da cidade. Ele que desceu aos Infernos para buscar **Eurípides**, agora já se deixa inclinar para **Êsquilo**, vendo que êste é capaz de dar maior brilhantismo às suas festas.

277. Alcibiades, exilado pela segunda vez, parecia a muitos que trabalhavam por seu regresso, o único homem capaz de salvar Atenas.

- 1425 BACO — Qual?
Ela ama-o, odeia-o e quer possui-lo. (278)
 Mas, dizei o que pensais dêle.
- EURÍPIDES — Odeio (279) o cidadão que é moroso em socorrer a pátria e ativo em causar-lhe grandes desgraças; engenhoso, quando se trata de seus próprios interesses e impotente, face aos da cidade.
- 1430 BACO — Muito bem, ó Poseidon (**A Ésquilo**) Qual é a tua opinião?
 ÉSQUILO — Não convém, acima de tudo, criar um leão na cidade, porque, uma vez crescido, é necessário que todos se submetam a seus caprichos.
- BACO — Por Zeus Salvador! Eis-me numa encruzilhada: um falou sãbiamente e o outro, claramente. Uma outra pergunta: qual a vossa opinião sôbre a cidade e quais os meios que sugeriríeis para salvá-la?
- 1435 EURÍPIDES — Se, à guisa de asas, se colocasse Cinésias (280) sôbre Cleócrito e o vento os fôsse levando sôbre as ondas do mar...
- BACO — A idéia parece jocosa mas, o que significa tal coisa?
- 1440 EURÍPIDES — ... se travassem um combate naval e, em seguida, jogassem vinagre nos olhos dos inimigos!... Conheço um meio de salvar a república... Vou expô-lo.
- BACO — Expõe-no.
- EURÍPIDES — Se confiássemos naquilo de que desconfiamos e desconfiássemos do em que confiamos...

278. Cf. **Os Guardas**, de Ion (Escol.).

279. Ambos os poetas, cada um a seu modo, opõem-se ao retôrno de Alcibiades. Eurípidês diz, às claras, que o general ateniense não tem qualidades morais para beneficiar a cidade. Ésquilo vê em Alcibiades um **tirano possível**.

280. **Cinésias** era um poeta mediocre e muito franzino (Cf. **Aves**, 1373 et ss.); **Cleócrito**, um voluptuoso (cf. **Aves**, 877), mas extremamente forte.

- 1445 BACO — Como? Não compreendi. Explica-o de uma forma simples e mais clara.
- EURÍPIDES — Se os cidadãos que no momento gozam de nossa confiança se tornassem suspeitos e aquêles, em quem recaíram nossas suspeitas, passassem a gozar da nossa confiança, estaríamos salvos. Pois, se não somos felizes com os meios de que dispomos, quem sabe se não nos salvaríamos, agindo de modo contrário?
- 1450 BACO — Admirável, ó Palamedes! (281) Ó natureza genial! D'ize-me: esta idéia é tua ou de Cefisofonte? (282)
- EURÍPIDES — Esta última é inteiramente minha, mas a do vinagre é de Cefisofonte.
- BACO (**A Ésquilo**) — E tu o que dizes?
 ÉSQUILO — Dize-me primeiro quais são os homens que governam a cidade, no momento. São honestos?
- 1455 BACO — Como? Ela odeia de morte os honestos. Agradam-lhe os velhacos.
- ÉSQUILO — Não, não lhe agradam. A cidade serve-se dêles a contragosto. Como é que se pode salvar uma cidade de que não quer manto de lã nem saio de pêlo? (283)
- 1460 BACO — Por Zeus, encontra um meio de salvá-la, se pretendes voltar à luz. (284)
- ÉSQUILO — Lá no alto (285) explicarei; não quero fazê-lo aqui.
- BACO — Não, envia-lhe daqui mesmo os teus bons conselhos.
- ÉSQUILO — Salvar-se-ão quando considerarem, como seu, o país inimigo e, como inimigo, o seu próprio país; quan-

281. **Palamedes** é o simbolo da inteligência e argúcia, cf. **Tesmór**. 700 sq.

282. Suposto colaborador de Eurípidês, cf. v. 944 e nota.

283. Isto é, **uma veste fina** (partido aristocrático?) ou **uma grosseira** (partido democrático?)

284. Isto é, **à terra** (luz) por oposição aos Infernos (trevas).

285. Julgavam os gregos estarem os Infernos situados nas entranhas da terra.

1465 do considerarem que a frota é a sua riqueza e a riqueza, a sua ruína (286).

BACO — Bem, a não ser que os juizes canalizem tôdas as riquezas para si! (287)

PLUTÃO — Toma uma decisão.

BACO — Será esta a minha decisão:

Escolherei aquê que o meu coração deseja. (288)

1470 EURÍPIDES — Lembrando-te de que juraste pelos deuses levar-me de volta, escolhe teus amigos.

BACO — “O coração jurou...” mas eu escolho Ésquilo!

EURÍPIDES — O que estás fazendo? És o mais ordinário dos homens!

BACO — Eu? Declarei Ésquilo vencedor. Por que não?

EURÍPIDES — E após um ato tão vergonhoso, ainda ousas olhar-me de frente?

1475 BACO —

Embora vergonhoso, o público julga-o inversamente! (289)

EURÍPIDES — Permitirás, então, ó desgraçado, que eu seja um morto?

BACO —

Quem sabe se viver não é morrer? (290)

Se respirar não é comer, se dormir não é velozino? (291)

PLUTÃO — Entremos, pois, Baco. Vinde.

BACO — Para quê?

286. Este era o pensamento de Péricles, o homem que fêz de Atenas uma potência marítima e o laboratório intelectual do mundo antigo.

287. Alusão ao salário dos magistrados que, na época de *As Rãs*, era de **dois óbolos**, absorvendo assim uma grande soma que poderia ser destinada à frota.

288. Paródia trágica (**de Eurípidés?**)

289. Paródia de *O Éolo*, de Eurípidés.

290. Este verso está plenamente de acôrdo com o pensamento de Sócrates na *Apologia* de Platão e foi muitas vêzes repetido por Eurípidés.

291. Comentário irônico e burlesco do verso precedente.

1480 PLUTÃO — Quero hospedar-vos antes de empreenderdes a viagem de retôrno.

BACO — Falaste bem, por Zeus. Isto me agrada mais.

(Retiram-se para dentro do palácio)

CÓRO — Ditoso o homem que tem uma inteligência perfeita!

1485 Dêle muitas coisas aprendemos. Ésquilo, por exemplo, que deu provas de sensatez, retornará à pátria para o bem dos seus concidadãos, parentes e amigos e isto, porque é inteligente! Com efeito, é muito agradável não tagarelar (292), sentado ao lado de Sócrates, deprecando o culto das Musas e os demais importantíssimos acessórios da arte trágica. É próprio de um insensato esbanjar o tempo em discursos enfáticos e frívolas sutilezas.

1490

1495

(Reaparecem Plutão, Baco e Ésquilo)

1500 PLUTÃO — Felicidades, Ésquilo. Vai, salva nossa cidade com teus bons conselhos e instrui os idiotas, e são muitos!

1505 Entrega isto (**dá-lhe uma espada**) a Cleofonte (293); isto (**entrega-lhe várias cordas**) aos encarregados do erário, bem como a Mírmex (294) e Nicômaco (295); isto,

292. Em síntese. **Ésquilo** é, para Aristófanes, o verdadeiro poeta, o artista, o religioso, o passadista... bem diferente de Eurípidés — espírito inovador em tudo, plasmado na escola de filósofos, como Sócrates, filósofo genial, que Aristófanes erradamente (ou intencionalmente) confunde com alguns sofistas venais, cf. **Nuvens**. Ao que parece, Aristófanes não compreendeu ou não quis compreender as duas épocas, inteiramente diversas, em que **viveram**, e **escreveram** Ésquilo e Eurípidés.

293. Cf. v. 678 e nota; igualmente **Tesmofór.**, 805. Note-se, de caminho, que por uma coincidência, **Cleofonte** teve morte violenta logo após a representação de *As Rãs*.

294. Desconhecido.

295. **Nicômaco**, filho de um antigo escravo. Após a derrota dos **Quatrocentos**, foi encarregado de rever a constituição de Sólon: os quatro meses que lhe foram atribuídos para essa revisão prolongou-os êle por quatro anos, segundo **Lísias**, que contra êste escreveu o XXX discurso.

- (**apresenta-lhe um copo de cicuta**) a Arquênomo (296) e
 1510 Se tardarem muito, juro por Apolo que vou marcá-los
 com ferro em brasa (297), vou atar-lhes mãos e pés com
 Adimante (298), filho de Leucófilo e mandá-los imediata-
 mente para as profundezas dos Infernos.
- 1515 **ÊSQUILO** — Cumprirei tuas ordens. Meu trono, entrega-o
 a Sófocles para que êle o conserve para mim, se algum
 1520 dia eu aqui voltar. Julgo que êle, por seu talento, é o
 segundo. Quanto a êsse intrigante, impostor e burlesco,
 lembra-te de que jamais deverá sentar-se no meu trono,
 mesmo contra a sua própria vontade! (299)
- 1525 **PLUTÃO (Ao Côro)** — Espargi sôbre êle a luz de vossos ar-
 chotes sagrados; acompanhai-o, cantando em sua honra
 seus próprios hinos e melodias.
 (**Forma-se um cortejo para acompanhar a Êsquilo**)
- 1530 **CORIFEU** — Divindades infernais, concedei uma boa via-
 gem ao poeta que retorna à luz; à cidade inspirai pen-
 samentos sensatos, fonte de grandes bens. Ficaremos
 assim inteiramente livres de ingentes aflições e dos do-
 lorosos choques arnados. (300) Quanto a Cleofonte e aos
 que pensam como êle, que façam a guerra no solo de
 sua pátria. (301).
296. Desconhecido.
 297. Como se fazia com escravos fugitivos.
 298. Amigo de Alcibiades, cf. Xenofonte, *Helênicas*, I, 4, 21. Na
 ausência dêste, foi derrotado em **Nócion**, em 407, pelo general
 espartano Lisandro. Em 406, após a batalha das Arginusas, foi
 colega do general ateniense Cónon. Em 405, em **Aigôs Potamoí**
 o covardão entregou seus navios ao mesmo Lisandro e isto
 poucos meses depois da representação de **As Rãs!** Aristófanés
 estava com a razão.
 299. Tinha Eurípides nos Infernos os seus sequazes, os quais pode-
 riam desejar, ainda contra a vontade do poeta de Hécuba, que
 êste tomasse assento, por alguns instantes, no trono de Êsquilo!
 300. O Côro final está vazado no estilo musical de Êsquilo.
 301. **A Trácia**, porque, segundo Aristófanés, Cleofonte é estrangeiro.